

WILLIAM SHAKESPEARE

MUITO BARULHO POR NADA



L&PM POCKET



WILLIAM SHAKESPEARE

**MUITO BARULHO
POR NADA**

Tradução de **BEATRIZ VIÉGAS-FARIA**

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

MUITO BARULHO POR NADA

Um homem e uma mulher. Os dois igualmente inteligentes, bem-articulados, espirituosos, rápidos em construir respostas espertas a todo tipo de afirmação ou pergunta. É nas falas de Beatriz e Benedicto, dois dos personagens mais queridos do público de Shakespeare, que se fundamenta a parte cômica desta peça, *Muito barulho por nada*. Quando se encontram os dois, armam-se verdadeiros combates entre estes esgrimistas das palavras, dois alérgicos ao casamento, para o prazer do leitor ou plateia.

O lado trágico da peça nasce de pérfida intriga armada por um homem despeitado e vingativo, carregado de ódio, e que se descreve assim: “É mais condizente com meu sangue ser desdenhado por todos que pavimentar a estrada para roubar a afeição de alguém. Assim é que, muito embora não se possa dizer de mim que sou um homem honesto e bajulador, não se pode negar que sou um patife franco e leal”.

Com provas falsamente arranjadas, uma inocente donzela é acusada de ser uma rameira. A história tem danças, festa de mascarados, cerimônia de casamento; tem flertes, tem príncipes e condes, damas nobres e damas de companhia; e a história tem calúnias, desafios para duelos, confrontações verbais, cerimônia fúnebre, até morte e fuga que se revertem. A história tem dores e amores; a história é teatro e é Shakespeare.

E tem gente simples do povo, que usa um palavrório peculiaríssimo, em hilariantes arremedos de linguajares mais sofisticados: “Temos que agora preceder ao interrogamento desses homens. (...) Não vamos nos poupar de nossa inteligência, isso eu lhe garanto; eu aqui tenho como deixar eles destrampalhados. Só vai buscar o escrivão que sabe escrever que é para ele fazer a excomunicação do nosso interrogamento, e me encontra na cadeia.” (...) “...eles cometeram informações falsas, além disso falaram inverdades, em segundo lugar são uns difamadores, em sexto lugar e por último caluniaram uma dama, em terceiro lugar verificaram coisas injustas, e para concluir são uns mentirosos de uns cafajestes”.

A história é shakespearianamente tragicômica. A nós, leitores/plateia, a injustiça de uma calúnia nos deixa indignados, nos deixam torcendo por eles os casais que se envolvem em amor romântico, nos deixam desconsolados as reações impulsivas, os gestos heroicamente impensados. É um teatro que se faz de máscaras, intrigas, movimentos rápidos, lógicas distorcidas, às vezes um quê de nonsense e... diálogos fascinantes.

Beatriz Viégas-Faria

MUITO BARULHO POR NADA

PERSONAGENS

DOM PEDRO, Príncipe de Aragão.

DOM JOHN, seu irmão bastardo.

CLÁUDIO, um jovem lorde de Florença.

BENEDICTO, um jovem lorde de Pádua.

LEONATO, Governador de Messina.

ANTÔNIO, seu irmão.

BALTASAR, um cantor, a serviço de Dom Pedro.

CONRADO, acompanhantes

BORRACHO, de Dom John.

FREI FRANCISCO.

CORNISO, o Mestre da Guarda.

VINAGRÃO, o Chefe da Guarda Local.

PRIMEIRO SENTINELA.

SEGUNDO SENTINELA.

UM SACRISTÃO.

UM PAJEM.

UM LORDE.

HERO, filha de Leonato.

BEATRIZ, sobrinha de Leonato.

MARGARETE, damas a serviço

ÚRSULA, de Hero.

Mensageiros, Músicos, Sentinelas, Serviçais etc.

CENÁRIO: Messina.

PRIMEIRO ATO

CENA I

Em frente à casa de Leonato.

Entram Leonato, Governador de Messina, Hero, sua filha, e Beatriz, sua sobrinha, com um Mensageiro.

LEONATO – Esta carta informa que Dom Pedro de Aragão chega esta noite a Messina.

MENSAGEIRO – Ele deve agora estar bem próximo daqui; quando o deixei, estava a menos de três léguas.

LEONATO – Quantos cavalheiros vocês perderam nessa empreitada?

MENSAGEIRO – Muito poucos cavalheiros, e nenhum de alta estirpe.

LEONATO – Uma vitória vale o dobro quando o vencedor volta para casa sem baixas. Vejo por esta carta que Dom Pedro tem conferido altas honras a um jovem florentino de nome Cláudio.

MENSAGEIRO – Por sinal, bastante merecidas, e lembradas com justo reconhecimento por Dom Pedro. Ele tem a postura de quem está além das promessas de sua idade, executando, com sua figura de cordeiro, os feitos de um leão. Na verdade, suplantou até mesmo as mais altas expectativas, tanto que me vejo incapaz de vos oferecer um relato fiel.

LEONATO – Ele tem um tio aqui em Messina que ficará muito contente com essas notícias.

MENSAGEIRO – Já entreguei cartas endereçadas a ele, e nesse senhor aparece muita alegria na expressão; tanta, que chega a ser uma alegria que não se pode mostrar modesta o bastante sem uma marca servil de tristeza.

LEONATO – Rompeu em lágrimas, ele?

MENSAGEIRO – Muitas e muitas.

LEONATO – Um natural excesso de bondade. Não há rosto mais verdadeiro que um rosto assim lavado. Quão melhor não é chorar de alegria que alegrar-se por algum choro!

BEATRIZ – Rogo-lhe, diga-me: o Signior Estocada já retornou das batalhas ou ainda não?

MENSAGEIRO – Não conheço ninguém com esse nome, senhorita. Não havia nenhum oficial com esse nome no exército, de nenhuma patente.

LEONATO – Quem é esse de quem pedes notícia, minha sobrinha?

HERO – Minha prima quer dizer o Signior Benedicto de Pádua.

MENSAGEIRO – Ah, sim, ele retornou, e tão simpático e divertido como sempre.

BEATRIZ – Ele espalhou anúncios aqui em Messina, desafiando Cupido para uma competição de arco, com flechas leves e emplumadas para longa distância; e o Bobo que está a serviço de meu tio, ao ler o anúncio, subscreveu o desafio em nome de Cupido, propondo usarem flechas curtas e grossas. Eu pergunto ao senhor: quantos ele matou e comeu nessas batalhas? Ou melhor: ele conseguiu matar pelo menos um nessa guerra? Pois, na verdade, prometi comer todos os inimigos que ele porventura matasse.

LEONATO – De fato, minha sobrinha, tu passas das medidas com o Signior Benedicto, mas tenho certeza de que ele não deixará por menos.

MENSAGEIRO – Ele prestou bons serviços, senhorita, nessas batalhas.

BEATRIZ – Vocês estavam com as provisões de comida emboloradas, e ele nisso ajudou, comendo todos os víveres azedos. É um comilão muito valoroso; tem excelente estômago.

MENSAGEIRO – E também é um excelente soldado, cara senhorita.

BEATRIZ – E também é um excelente soldado, caro às senhoritas. Mas, e quanto aos lordes? Também é caro a eles?

MENSAGEIRO – É um lorde perante lordes, um homem diante de outros homens, cheio de honoráveis qualidades.

BEATRIZ – Deveras, ele não passa de um homem cheio de si. Mas, de que é mesmo que ele está cheio? Bem, bem, somos todos mortais.

LEONATO – O senhor não deve levar a mal minha sobrinha. Existe uma espécie de guerra entre amigos entre o Signior Benedicto e ela. Eles nunca se encontram sem que haja entre os dois uma escaramuça de tiradas rápidas.

BEATRIZ – Mas ele não lucra nada com isso. Em nosso último embate, quatro de suas cinco tiradas erraram o alvo; se antes ele era um homem inteiro, com os cinco sentidos, agora ele é homem governado por um sentido só. Então, se ele for esperto o suficiente para manter-se aquecido, que isso lhe sirva para diferenciá-lo de seu cavalo, pois essa é toda qualidade que lhe resta para ser reconhecido como criatura racional. Quem agora é seu companheiro? Todo santo mês ele tem novo irmão de armas.

MENSAGEIRO – Será possível?

BEATRIZ – Mais do que possível, é quase certo. Ele usa sua lealdade como quem usa chapéus, mudando de modelo conforme a forma de fabricação.

MENSAGEIRO – Pelo que vejo, senhorita, o cavalheiro não consta de suas anotações.

BEATRIZ – Não. Caso constasse, eu teria de queimar meus estudos. Mas, peço-lhe que me diga: quem é o companheiro dele? Não há nenhum jovem briguento que aceite com ele empreender viagem às profundas do inferno?

MENSAGEIRO – Ele tem andado a maior parte do tempo na companhia do muito correto e nobre Cláudio.

BEATRIZ – Ah, meu Deus, que ele vai se agarrar no outro como uma doença; ele é mais fácil de se pegar que a peste, e o contaminado se vê logo ensandecido. Que Deus ajude o nobre Cláudio! Se está contagiado de doença beneditina, ele ainda gasta mil libras antes de se curar.

MENSAGEIRO – Serei sempre seu amigo, senhorita.

BEATRIZ – Faça isso, meu bom amigo.

LEONATO – Tu não corres o risco de ficar louca, minha sobrinha.

BEATRIZ – Não, pelo menos não até que se tenha um inverno escaldante.

MENSAGEIRO – Dom Pedro está chegando.

Entram Dom Pedro, Cláudio, Benedicto, Baltasar e Dom John, o Bastardo.

DOM PEDRO – Meu bom Signior Leonato, então o senhor está procurando incomodação? O costume em todo o mundo é evitar despesas, e o senhor vem ao encontro delas.

LEONATO – Nunca na minha casa entrou incomodação sob a forma de Vossa Graça, pois, quando os aborrecimentos se despedem, fica o aconchego do lar; mas, quando vós partis de minha morada, abate-se sobre nós a tristeza e despede-se a alegria.

DOM PEDRO – O senhor abraça sua incumbência com demasiado bom grado. Essa, então, é a sua filha.

LEONATO – Assim me afirmou muitas vezes a mãe dela.

BENEDICTO – O senhor teve dúvidas, meu senhor, a ponto de precisar perguntar?

LEONATO – Signior Benedicto: não, pois naquela época você ainda era uma criança.

DOM PEDRO – Uma resposta que lhe atinge em cheio, Benedicto; por ela

podemos adivinhar o que você é, depois de homem feito. Na realidade, a senhorita é a cara do pai. Seja muito feliz, senhorita, pois a senhorita se parece muito com o seu honrado pai.

BENEDICTO – Se o Signior Leonato é pai dela, nem por toda a Messina iria ela querer ter sobre os ombros a envelhecida cabeça dele, por mais parecença que haja entre os dois.

Dom Pedro e Leonato conversam à parte.

BEATRIZ – Admira-me o senhor ainda estar falando, Signior Benedicto. Ninguém está lhe prestando atenção.

BENEDICTO – Ora, minha cara Lady Desdém! A senhorita continua viva?

BEATRIZ – Como poderia essa tal de Desdém morrer, quando ela dispõe, para alimentar-se, de comida tão adequada como o Signior Benedicto? A própria Cortesia tem precisão de converter-se em Desdém se o senhor lhe aparece em sua presença.

BENEDICTO – Mas então essa Cortesia é uma vira-casacas. Porém, uma coisa é certa: sou amado por todas as damas, à exceção apenas de sua pessoa; e gostaria eu de poder descobrir em meu coração que não tenho um coração duro, pois eu na verdade não amo a nenhuma delas.

BEATRIZ – O que é uma verdadeira sorte para as mulheres, pois do contrário elas se veriam importunadas pelo mais pernicioso dos pretendentes. Nisto eu agradeço a Deus e ao meu sangue-frio: nessas coisas, tenho a mesma disposição que o senhor; prefiro ouvir meu cachorro latindo para uma gralha a ter de escutar as juras de amor de um homem.

BENEDICTO – Que Deus a conserve assim, minha cara Lady, nesse estado de espírito, de modo que um que outro cavalheiro possa escapar do que lhe estava predestinado: ter a cara lanhada.

BEATRIZ – Tivesse o cavalheiro uma cara como a sua, lanhá-la não a deixaria pior.

BENEDICTO – Sabe que a senhorita daria uma excelente professora de papagaios?

BEATRIZ – Uma ave que fala como eu ainda é melhor que uma cavalgada, que se comunica como o senhor.

BENEDICTO – Quem me dera, meu cavalo ter a velocidade de sua língua, e toda a sua resistência. Mas, por favor, prossiga, pois que eu paro por aqui.

BEATRIZ – O senhor sempre para do mesmo modo: sentando no cabresto. Eu lhe conheço, e não é de hoje.

DOM PEDRO – Resumindo, isso é tudo, Leonato. (*Dirigindo-se à sua comitiva:*) Signior Cláudio e Signior Benedicto, o meu estimado amigo Leonato estende o seu convite a todos. Respondi-lhe que aqui permaneceremos pelo menos por um mês, e ele, entusiasmado, muito deseja que alguma circunstância venha deter-nos aqui por mais tempo. Atrevo-me a jurar que não há hipocrisia em suas palavras; pelo contrário, ele fala de coração.

LEONATO – Se assim jurardes, milorde, eu vos posso afirmar que não sereis perjuro. (*Para Dom John:*) Deixai-me dar-vos as boas-vindas, milorde; agora que vos reconciliastes com o Príncipe vosso irmão, tendes em mim um homem a vosso serviço.

DOM JOHN – Obrigado. Não sou de muitas palavras, mas lhe agradeço.

LEONATO – Vossa Graça me faríeis o favor de passar à frente?

DOM PEDRO – Dê-me sua mão, Leonato, e vamos juntos.

[Saem todos, menos Benedicto e Cláudio.]

CLÁUDIO – Benedicto, reparaste na filha do Signior Leonato?

BENEDICTO – Não reparei, não; eu simplesmente a vi.

CLÁUDIO – É uma dama, moça e recatada, não?

BENEDICTO – Perguntas-me como um homem honesto deveria, para saber o que penso dela simples e verdadeiramente, ou queres que eu fale como é de meu costume, sendo eu um confesso tirano do sexo oposto?

CLÁUDIO – Não, eu te peço, diz-me o que pensas dela, com toda a sobriedade.

BENEDICTO – Ora, na verdade, a mim me parece que ela é muito baixinha para altos elogios, muito morena para um claro elogio, e pequena demais para um grande elogio. A seu favor, só posso dizer que, fosse outra e não quem ela é, seria feia; já que não é outra e sim quem ela é, não gosto dela.

CLÁUDIO – Achas que estou brincando! Peço-te, diz-me com toda a sinceridade o que realmente pensas dela.

BENEDICTO – Por um acaso queres comprá-la, e por isso teimas em indagar sobre ela?

CLÁUDIO – E o mundo consegue comprar essa joia?

BENEDICTO – Sim, e também o cofre onde guardá-la. Mas tu falas a sério ou estás bancando o safado e zombas de nós, a dizer-nos que o cego Cupido é bom caçador de lebres e Vulcano, o ferreiro, é um ás na carpintaria? Vamos lá, anuncia em que tom estás cantando, para que eu possa te acompanhar nessa

melodia.

CLÁUDIO – Aos meus olhos, ela é a mais doce dama que já vi.

BENEDICTO – Ainda consigo enxergar sem óculos, e não vejo nada disso; tem a prima, que, se não fosse possuída de fúria, supera-a em muito pela beleza, assim como a Primavera está para o Inverno. Mas espero que não tenhas intenções de transformar-te em marido, ou tens?

CLÁUDIO – Tivesse eu jurado o contrário, e eu próprio não confiaria em mim mesmo se Hero quisesse ser minha esposa.

BENEDICTO – Chegaste a esse ponto? De fato, pergunto-me se o mundo não verá um único homem que possa colocar o chapéu na cabeça sem maiores cuidados. Nunca mais encontrarei um solteirão de sessenta anos? Vá lá, por Deus, se teu desejo precisa enfiar teu pescoço numa canga, trata de usar a marca desse jugo, e podes suspirar pelos domingos perdidos. Olha, Dom Pedro voltou, para falar contigo.

Entra Dom Pedro.

DOM PEDRO – Que segredo os está mantendo aqui, que não nos acompanharam até a casa de Leonato?

BENEDICTO – Muito me agradaria que Vossa Graça me obrigásseis a contar.

DOM PEDRO – Pois estás intimado a fazê-lo, pelo juramento de lealdade que comigo tens.

BENEDICTO – O senhor ouviu, Conde Cláudio: posso guardar segredos como se fosse um homem mudo, assim espero que me acredites. Todavia, dado o meu juramento de lealdade, e, notem bem os senhores, é por um dever de lealdade... ele está apaixonado. Por quem? Bem, agora essa fala é de Vossa Graça. Observai como é pequeninha a resposta dele: por Hero, a filha pequeninha de Leonato.

CLÁUDIO – Se assim fosse, assim teria sido dito.

BENEDICTO – É como naquela velha história, milorde: “Não é assim, e também não digo que não foi assim; mas, deveras, Deus nos livre de assim ser!”.

CLÁUDIO – Se a minha paixão não mudar em breve, Deus nos livre de assim não ser.

DOM PEDRO – Amém se você lhe tem amor, pois a dama é dele muito merecedora.

CLÁUDIO – Falais assim, milorde, porque estais plantando verde para colher maduro.

DOM PEDRO – Você tem minha palavra de que estou falando o que penso.

CLÁUDIO – E eu, por minha fé, milorde, falei igualmente o que penso.

BENEDICTO – E eu, por minhas duas fés, milorde, vós tendes minhas duas palavras de que também falei o que penso.

CLÁUDIO – Posso sentir que a amo.

DOM PEDRO – Que desse amor ela é merecedora eu sei.

BENEDICTO – Pois eu nem sinto que ela devesse ser amada, nem sei como de um amor ela seria merecedora, e essa é minha opinião, e nem o fogo a dissolveria; morro na fogueira, mas não abro mão dela.

DOM PEDRO – Tu sempre foste um herético obstinado em menosprezar a beleza.

CLÁUDIO – E ele jamais conseguiria manter essa posição, não fosse por muita força de vontade.

BENEDICTO – Por uma mulher haver me concebido, eu a ela agradeço; por ter me criado, também lhe sou humildemente agradecido; mas as mulheres vão ter de me dispensar de cumprir o seu toque de recolher, que elas sopram em corneta feita de guampa na testa dos homens; vão ter de me dispensar de carregar, pendurado em boldrié invisível, um corno visível a todos. Porque não desejo ser injusto desconfiando de uma mulher, dou-me o direito de não confiar em nem uma sequer. Conclusão: o bom disso é que viverei sempre solteiro, e o melhor disso é que viverei sempre muito bem-vestido.

DOM PEDRO – Antes de morrer, ainda te verei pálido de amor.

BENEDICTO – De raiva, de doença, de fome, pode ser, milorde, mas não de amor. Provai-me a qualquer dia e hora que, em estando apaixonado, suspirando por uma dama e assim sobrecarregando o coração, perdi mais sangue do que se pode repor com a bebida, e eu vos peço: arrancai de mim meus olhos com a pena de um compositor de baladas e dependurai-me à porta de um bordel, como placa com pintura do cego Cupido.

DOM PEDRO – Bem, se alguma vez cáíres das alturas dessa tua crença, serás o assunto de muita conversa, e o motivo de muita risada.

BENEDICTO – Se eu cair, pendurem-me numa cesta de vime, como um gato, e façam pontaria e atirem em mim e, quanto àquele que primeiro acertar o alvo, que ele seja feito cavaleiro por Vossa Graça e que passe a se chamar Adam¹, como o famoso arqueiro inglês.

DOM PEDRO – Bem, só o tempo dirá. “Com o tempo, o touro selvagem põe a canga.”

BENEDICTO – O touro selvagem pode ser que sim; mas, se alguma vez o sensato Benedicto puser a canga, arranquem desse touro os chifres e grudem-nos em minha testa, e que de mim seja pintado um retrato infame e que, em letras garrafais, onde se costuma escrever “Aqui alugam-se bons cavalos”, deixem que sob minha pintura leia-se “Aqui pode-se ver Benedicto, o casado”.

CLÁUDIO – Se isso acontecer, tu estarás doido de atar, e teus nervos terão te traído.

DOM PEDRO – Pois se Cupido não gastou todas as setas de sua aljava na licenciosa corte de Veneza, dentro de pouco tempo tu estarás acometido de tremores de amor.

BENEDICTO – Só no dia que houver tremores de terra.

DOM PEDRO – Com o tempo, tu hás de contemporizar. Neste meio tempo, meu bom Signior Benedicto, vai até a casa de Leonato, apresenta-lhe minhas recomendações e comunica-lhe que não faltarei ao jantar. Deveras, tendo ele se esmerado em grandes preparativos!

BENEDICTO – Quase tenho tutano suficiente em mim para uma tal embaixada; assim é que... Sem mais, apresento votos de minha mais alta estima e recomendo Vossa Senhoria...

CLÁUDIO – ...à Proteção Divina. Nesta minha casa, se casa eu tivesse, ...

DOM PEDRO – Aos seis de julho. Vosso amigo de coração, Benedicto.

BENEDICTO – Não zombem, não façam troça. O corpo de vosso discurso apresenta-se por vezes ornado de fragmentos, e os ornamentos de ambos estão muito mal-alinhavados. Antes de continuar desprezando velhas fórmulas de fechamento, examinai vossa consciência. E com isso despeço-me dos dois.

[Sai.]

CLÁUDIO – Meu soberano, Vossa Alteza poderíeis agora ajudar-me?

DOM PEDRO – Meu coração é teu, e podes instruí-lo: explica-te a ele e verás como ele está disposto a aprender toda e qualquer lição, por mais dura que seja, mas que te possa ajudar.

CLÁUDIO – Leonato tem filhos homens, milorde?

DOM PEDRO – Nenhum filho homem. Hero é filha única, sua única herdeira. Tu a amas, Cláudio?

CLÁUDIO – Ah, milorde, quando fostes para as batalhas, agora ação terminada, eu a observei com os olhos de um soldado. Gostei do que vi, mas tinha pela frente tarefa mais árdua que conduzir um mero gostar até o denominado amor. Todavia,

agora estou de volta, e os pensamentos bélicos deixaram em mim espaços vagos, lugares que vão sendo invadidos por suaves e delicados desejos, todos me sinalizando a formosura da jovem Hero, avisando-me de minha afeição por ela ainda antes de ir para a guerra.

DOM PEDRO – Logo, logo estarás feito um amante, cansando quem te escuta com tantas palavras que se poderia escrever um livro. Se amas a bela Hero, cuida bem desse sentimento, e eu tocarei neste assunto com ela, e com o pai, e ela será tua. Não foi com este fim que começaste a tecer tão refinada história?

CLÁUDIO – Com que delicadeza atendeis ao amor, pois que conheceis a dor do sentimento na própria fisionomia desse mesmo amor! Para que minha afeição não parecesse demasiado súbita, eu queria tê-la suavizada por um longo tratado.

DOM PEDRO – Por que fazer o vão da ponte muito maior que a largura do rio? O maior benefício é o que resolve a necessidade. O que serve é o que convém. Ou seja: tu amas, e eu tenho o remédio que te convém. Sei que haverá uma grande festa hoje à noite. Tomarei o teu lugar, disfarçando-me de alguma maneira, e direi à linda Hero que sou Cláudio, e em seu peito depositarei meu coração aberto, e seu ouvido atento cativarei pela força e pelo ímpeto de minha história romântica, após o que tocarei neste assunto com o pai da moça; e a conclusão é uma só: ela será tua. Vamos tratar de colocar isso em prática.

[Saem.]

CENA II

Um aposento na casa de Leonato.

Entram Leonato e um velho, Antônio, irmão de Leonato, que então se encontram.

LEONATO – E então, meu irmão, onde está esse meu parente, o teu filho? Foi ele quem providenciou a música?

ANTÔNIO – Ele está bastante ocupado com isso. Mas, meu irmão, tenho estranhas notícias para te contar, coisas com as quais nem sonhas.

LEONATO – Notícias boas?

ANTÔNIO – São conformes com a modelagem que lhes dá o evento em questão, mas a aparência é boa, pois elas têm um bom glacê. O Príncipe e o Conde Cláudio, caminhando por uma das veredas mais fechadas de árvores em meu pomar, conversavam, e, sem querer, um de meus homens escutou-os: o Príncipe revelou a Cláudio estar apaixonado por minha sobrinha tua filha e que pretendia

confessar-lhe o amor esta noite, durante uma dança; no caso de perceber que ela lhe corresponde, ele pretendia agarrar a oportunidade com as duas mãos e falar contigo no mesmo instante.

LEONATO – O sujeito que te disse tal coisa, está ele em seu juízo perfeito?

ANTÔNIO – Um homem bom e inteligente; vou mandar buscá-lo, e tu mesmo podes interrogá-lo.

LEONATO – Não, não. Vamos pensar nisso como um sonho, até que ele se mostre real. No entanto, vou me certificar de que minha filha fique sabendo disso, para que possa estar mais bem preparada para uma resposta, se porventura isso for verdade. Vai tu, e fala com ela sobre isso.

[Sai Antônio.]

Entra o Filho de Antônio, com um Músico, e Outros.

Meus parentes, vocês sabem o que têm de fazer. (*Dirigindo-se ao Músico:*) Ah, eu lhe peço, por misericórdia, amigo, venha você comigo e saberei me valer de seu talento. Meu bom sobrinho, sê diligente, que estamos num dia por demais atarefado.

[Saem.]

CENA III

Um outro aposento na casa de Leonato.

Entram Dom John, o Bastardo, e Conrado, seu acompanhante.

CONRADO – Mas que diabos, milorde, por que está o senhor triste assim tão fora de medidas?

DOM JOHN – Não tem medidas a circunstância que a alimenta, daí minha tristeza não ter limites.

CONRADO – O senhor deveria escutar a voz da razão.

DOM JOHN – E, quando eu a tiver escutado, que bênçãos pode ela me trazer?

CONRADO – Se não um alívio imediato, pelo menos uma resignação paciente.

DOM JOHN – Admira-me muito que você... sendo, como diz ser, nascido sob a influência de Saturno e, portanto, taciturno... se esforce em aplicar remédio moral a uma enfermidade mortal. Não sei disfarçar quem sou: preciso ficar triste quando há razão para tal, e nessas horas não consigo rir de piada alguma; só consigo comer quando o estômago quer, e não sei esperar, para maior

conveniência, pelos outros; durmo quando me sinto sonolento, sem preocupar-me com os negócios de ninguém; dou risada quando estou alegre, e jamais elogio homem algum por seu senso de humor.

CONRADO – Certo, mas o senhor não deve mostrar isso abertamente até que possa expor-se sem que lhe cobrem um outro comportamento. Não faz muito o senhor posicionou-se contra seu irmão, e ele agora acolheu-o outra vez em sua graça, onde será impossível para o senhor criar raízes profundas a não ser que o senhor mesmo crie um clima ameno. É imprescindível que o senhor condicione a estação mais propícia à sua própria colheita.

DOM JOHN – Prefiro ser silva-macha numa sebe qualquer a ser uma rosa nas boas graças de meu irmão, e é mais condizente com meu sangue ser desdenhado por todos que pavimentar a estrada para roubar a afeição de alguém. Assim é que, muito embora não se possa dizer de mim que sou um homem honesto e bajulador, não se pode negar que sou um patife franco e leal. Confiam em mim quando me põem uma focinheira na cara, e me deixam livre quando me põem rédeas no corpo; assim é que decretei não mais cantar em minha gaiola. Tivesse eu minha boca e morderia; tivesse eu minha liberdade e faria o que me dá vontade. Neste meio tempo, deixem-me ser como sou e não tentem modificar-me.

CONRADO – Não poderiam os seus desgostos e inquietações servir-lhe de alguma coisa?

DOM JOHN – Eles me servem, em tudo e para tudo, pois são tudo de que disponho. Quem vem aí?

Entra Borracho.

Quais são as novas, Borracho?

BORRACHO – Estou chegando de lá, de uma lauta ceia. O Príncipe seu irmão vem sendo regiamente hospedado e entretido por Leonato; e eu tenho como passar ao senhor informações secretas de um casamento que está sendo planejado.

DOM JOHN – Um que sirva de fundação sobre a qual se podem construir edifícios de maldade? E quem seria esse, bobalhão a ponto de querer contrair matrimônio com a inquietação?

BORRACHO – Ora, mas é o braço direito de seu irmão, senhor.

DOM JOHN – Quem, o refinadíssimo Cláudio?

BORRACHO – O próprio.

DOM JOHN – Um cavaleiro, sem tirar nem pôr. Mas, com quem? Com quem?

Para os lados de quem lançou ele o olhar?

BORRACHO – Ora, para os lados de Hero, filha e herdeira de Leonato.

DOM JOHN – Pretensioso, o rapaz! Como foi que você ficou sabendo disso?

BORRACHO – Como a mim me encarregaram de dissipar os maus cheiros da casa, estava eu fumigando um aposento mofado e me aparecem o Príncipe e Cláudio, de braço dado, absortos os dois em conferência muito séria. Esgueirei-me rápido para trás do reposteiro, e de lá ouvi acertarem que o Príncipe faria a corte a Hero por conta própria e, assim que a tiver conquistado, passa a jovem para o Conde Cláudio.

DOM JOHN – Venham, vamos, vamos até lá. Isso pode muito bem vir a ser alimento para o meu desprazer. Esse jovem arrivista ficou com toda a glória de minha ruína política. Se eu conseguir crucificá-lo de alguma maneira, estarei me abençoando de todas as maneiras. São vocês os dois leais a mim e me ajudarão?

CONRADO – Até a morte, meu senhor.

DOM JOHN – Vamos então para essa grande ceia. Maior se faz o regozijo deles porque eles me têm assim: humilhado. Ah, quem me dera, o cozinheiro ter pensamentos como os meus: venenosos! Vamos tentar ver o que se pode fazer?

BORRACHO – Estamos a seu serviço, milorde.

[Saem.]

¹ Adam Bell era um famoso e temido arqueiro da Inglaterra na época. (N.T.)

SEGUNDO ATO

CENA I

Um salão na casa de Leonato.

Entram Leonato, seu irmão Antônio, sua filha Hero e sua sobrinha Beatriz, e também Margarete e Úrsula.

LEONATO – Não esteve presente o Conde John durante a ceia?

ANTÔNIO – Eu não o vi.

BEATRIZ – Que azedume, aquele homem! A mim basta avistá-lo, que uma hora depois ainda estou com azia.

HERO – É uma pessoa de natureza melancólica.

BEATRIZ – Seria um excelente homem, aquele que fosse um meio-termo entre ele e Benedicto; um é feito um retrato e não diz palavra, e o outro é feito filho varão mais velho e mimado, e não sabe quando parar de tagarelar.

LEONATO – Então, é metade da língua do Signior Benedicto na boca do Conde John e metade da melancolia de Conde John no rosto do Signior Benedicto...

BEATRIZ – E um bom par de pernas, bem plantadas em pés muito sólidos, meu tio, e dinheiro suficiente no bolso. Um homem assim conquistava qualquer mulher no mundo... se ele ganhar a preferência dela, claro.

LEONATO – Por minha fé, sobrinha! Não vais nunca arranjar marido, com língua assim tão afiada.

ANTÔNIO – Realmente; ela é geniosa demais.

BEATRIZ – Geniosa demais é mais que geniosa; isso quer dizer que tiro um fardo da Providência Divina, pois está escrito que “Deus providencia chifres curtos para vacas geniosas” e, no entanto, para vacas geniosas demais não se tem notícias de que Ele providencie coisa alguma.

LEONATO – Então, sendo geniosa demais, Deus deixa-te desprovida de chifres.

BEATRIZ – Tanto quanto Ele me deixa desprovida de marido, uma bênção pela qual sou grata a Ele, e agradeço de joelhos, toda manhã e toda noite. Oh, Senhor! Eu não teria como aguentar um marido de barba na cara! Prefiro dormir sem lençóis, com a lã áspera do cobertor direto na pele.

LEONATO – Teu olhar pode descobrir um marido que não use barba.

BEATRIZ – E o que faria eu com ele? Só me restaria vesti-lo com minhas roupas e fazer dele minha criada de quarto! Quem tem barba é pouco mais que um frangote ou então já está casado, e quem não tem barba é menos que um homem; e quem é pouco mais que frangote ou já está casado não serve para mim; e eu não sirvo para quem é menos que um homem. Assim é que eu aceito a meia dúzia de centavos que me paga adiantado o guardador de ursos e, como boa solteirona, levo os macacos dele para o inferno.

LEONATO – Mas então vais, tu também, para o inferno?

BEATRIZ – Não, só até os portões do inferno, lá onde virá me receber o Diabo, como um velho corno, de guampas na cabeça, me dizendo: “Vá para o céu, Beatriz, vá para o céu, aqui não temos lugar para vocês donzelas”. Então, entrego eu os meus macacos e vou ter com São Pedro, para entrar no céu. Ele me mostra onde ficam os celibatários, e lá vivemos nós, na felicidade da santa paz de todo dia.

ANTÔNIO (*dirigindo-se a Hero*) – Bem, minha sobrinha, tenho certeza de que tu te deixarás guiar por teu pai.

BEATRIZ – Sim, por minha fé, esta é a obrigação de minha prima: fazer uma medida e dizer “Meu pai, como o senhor achar melhor”. Mas, apesar de tudo, prima, certifica-te de que ele é bonito; caso contrário, fazes outra medida e dizes “Meu pai, como eu achar melhor”.

LEONATO – Bem, minha sobrinha, espero um dia ver-te equipada com um marido.

BEATRIZ – Acho que não, a menos que Deus faça homens de algum outro mineral que não o barro. Não seria ofensivo para uma mulher ela ser controlada por um punhado de valoroso pó, ela ter de prestar contas de sua vida a um torrão de terra? Não, meu tio, não quero um homem. Os filhos de Adão são meus irmãos, e eu tenho para mim que é verdadeiro pecado casar com um parente.

LEONATO (*dirigindo-se a Hero*) – Filha, lembra o que eu te disse: se o Príncipe vier te procurar com esse propósito, tu sabes que resposta dar.

BEATRIZ – A culpa terá sido da música, prima, se não fores cortejada no tempo certo. Se o Príncipe mostrar-se por demais inoportuno, diz-lhe que em tudo é preciso usar um compasso moderado e, nessa fuga, tua réplica será com passos de dança. Pois, ouve-me, Hero: namorar, casar e arrepender-se é como dançar primeiro a jiga escocesa, depois o minueto, e por fim a pavana. Os primeiros passos da conquista são abrasadores e impetuosos como uma jiga escocesa, e tão fortes quanto fantasiosos; o matrimônio é contido em seus gestos recatados,

como um minueto carregado de pompa, imponência e tradição; e então chega o arrependimento e, já de pernas bambas, vai quebrando o ritmo da pavana e afunda rápido, e cada vez mais rápido, na própria sepultura.

LEONATO – Tu és minha parente, e percebes a passagem do tempo com surpreendente acuidade.

BEATRIZ – Tenho boa visão, meu tio; consigo enxergar uma igreja à luz do dia.

LEONATO – Os foliões estão chegando, meu irmão; vamos fazer espaço para eles.

Leonato e os homens que o acompanham colocam suas máscaras.

Entram o Príncipe Dom Pedro, Cláudio, Benedicto, Baltasar, Borracho, Dom John e Outros, todos mascarados, com um toque de tambor anunciando-os.

DOM PEDRO (*dirigindo-se a Hero*) – Senhorita, gostaria de andar uns passos desta pavana com este seu admirador?

HERO – Contanto que o senhor ande com passos suaves, a tudo olhe com doçura e nada comente, sou sua para esse passeio, e especialmente quando eu passear para longe daqui.

DOM PEDRO – Comigo em sua companhia?

HERO – Poderei consentir nisso, quando me aprover.

DOM PEDRO – E quando lhe aproverá consentir?

HERO – Quando eu me agradar de sua expressão, pois Deus nos livre de olhar o estojo e enxergar o alaúde!

DOM PEDRO – Minha máscara é o telhado de Filemão; e dentro da casa está Júpiter.

HERO – Ora, mas então sua máscara deveria ser de sapé.

DOM PEDRO – Se a senhorita está falando de amor, fale baixo.

Eles se afastam dos outros.

BALTASAR – Bem, eu queria muito que a senhorita gostasse de mim.

MARGARETE – Pois eu não, e isso pelo seu próprio bem, pois tenho muitos defeitos.

BALTASAR – Qual seria um deles?

MARGARETE – Digo minhas orações em voz alta.

BALTASAR – Isso me faz amá-la ainda mais; quem a ouve rezando pode gritar “Amém”.

MARGARETE – Que Deus me dê um par que seja bom dançarino!

BALTASAR – Amém!

MARGARETE – E que Deus o mantenha longe de minha vista quando terminar a dança! Responda, sacristão.

BALTASAR – Chega de palavras; o sacristão já tem sua resposta.

Eles se afastam dos outros.

ÚRSULA – Eu lhe conheço muito bem, e sei que é o Signior Antônio.

ANTÔNIO – Respondo-lhe que não sou.

ÚRSULA – Eu o reconheço pelo seu jeito de balançar a cabeça.

ANTÔNIO – É que, na verdade, eu estou imitando ele.

ÚRSULA – O senhor não poderia imitá-lo tão mal, a menos que fosse o próprio. Aqui temos a mão encarquilhada dele, de um lado e de outro, de alto a baixo. O senhor é ele. O senhor é ele.

ANTÔNIO – Numa palavra: não.

ÚRSULA – Ora, vamos, então o senhor acha que não sei reconhecê-lo por suas tiradas espirituosas, ótimas? Pode a virtude esconder-se? Deixe-se disso e, agora, silêncio: o senhor é ele. Sua elegância e delicadeza vão se mostrar, e aí termina a farsa.

Eles se afastam dos outros.

BEATRIZ – O senhor não vai me dizer quem lhe disse isso?

BENEDICTO – A senhorita vai me perdoar, mas não.

BEATRIZ – E o senhor também não vai me dizer quem o senhor é?

BENEDICTO – Agora não.

BEATRIZ – Que sou desdenhosa, que minhas boas tiradas irônicas saem das “Cem Histórias Alegres”... bem, foi o Signior Benedicto quem disse isso.

BENEDICTO – Quem é ele?

BEATRIZ – Estou certa de que o senhor o conhece muito bem.

BENEDICTO – Eu não, acredite-me.

BEATRIZ – Ele nunca o fez rir?

BENEDICTO – Peço-lhe que me diga: quem é ele?

BEATRIZ – Ora, ele é o bobo da corte, um palhaço muito sem graça; seu único talento está em engendrar calúnias impossíveis. Só os irresponsáveis e os frívolos acham graça nele, e elogiam-no não por seu senso de humor refinado, mas por suas baixarias; pois ele entretém os homens, e os deixa furiosos, e então

eles se riem dele, e dão-lhe uma surra. Com certeza ele está entre os navegadores dessa frota; gostaria que tivesse me abordado.

BENEDICTO – Quando eu conhecer o cavalheiro, direi a ele o que a senhorita me disse.

BEATRIZ – Sim, faça isso, e ele vai fazer troça de mim e vai me arremedar uma ou duas vezes, depois do que, se porventura ninguém tiver notado, ou se ninguém tiver rido, ele entra em estado de melancolia; e assim poupa-se uma asinha de perdiz, pois o Bobo não vai querer jantar hoje à noite. (*Música.*) Temos de seguir os passos de quem nos guia.

BENEDICTO – Em todas as boas coisas.

BEATRIZ – Mas é claro. Se eles nos guiarem na direção do mal, eu os abandono no próximo giro.

Dançam. Saem todos, menos Dom John, Borracho e Cláudio.

DOM JOHN – Certo é que meu irmão está caído de amores por Hero, e já retirou-se com o pai da moça para informá-lo de que está fazendo a corte à filha. As damas acompanham Hero, e apenas um mascarado permanece no salão.

BORRACHO – É Cláudio. Posso reconhecê-lo por seu porte.

DOM JOHN – O senhor não é o Signior Benedicto?

CLÁUDIO – O senhor me conhece bem; sou ele, sim.

DOM JOHN – Signior, meu irmão o tem muito próximo de si em seu coração. Ele está enamorado de Hero; eu lhe peço, convença meu irmão de desistir dela, que ela não tem tanto berço quanto ele. O senhor pode, nessa história, desempenhar o papel de um homem de bem.

CLÁUDIO – Como sabe o senhor que ele a ama?

DOM JOHN – Eu o ouvi jurar-lhe afeição.

BORRACHO – E também eu ouvi, e ele prometeu casar-se com ela esta noite.

DOM JOHN – Vamos lá. Ao banquete de sobremesas!

[Saem Dom John e Borracho.]

CLÁUDIO – Assim respondo eu em nome de Benedicto, mas ouço essas más notícias com os ouvidos de Cláudio. Uma coisa é certa: o Príncipe faz a corte a Hero em causa própria. A amizade é constante em todas as outras coisas, mas nunca no ofício e nas artes do amor. Então, que os corações apaixonados usem sua própria língua; cada olhar que negocie por si próprio, sem confiar em intermediários; pois a beleza é uma feiticeira, e contra os seus encantamentos

não há fé que resista, pois que esta se derrete no sangue. Este é um daqueles acidentes que se dão a toda hora, e do qual não desconfiei. Adeus, então, Hero!

Entra Benedicto.

BENEDICTO – Conde Cláudio?

CLÁUDIO – Sim, o próprio.

BENEDICTO – Vamos. Tu vens comigo?

CLÁUDIO – Aonde?

BENEDICTO – Até o próximo salgueiro, para tratarmos de assunto do teu interesse, meu Conde. De que jeito queres usar tua grinalda? [2](#) Quem sabe no pescoço, como as correntes de ouro dos usurários? Ou caindo do ombro em diagonal sobre o peito, como a faixa de um tenente? Vais ter de usá-la de algum modo, pois o Príncipe ganhou a tua Hero.

CLÁUDIO – Desejo que ele dela desfrute.

BENEDICTO – Ora, mas e não é que estás falando como um desses simpáticos comerciantes de gado que querem mais é ver o freguês satisfeito com a mercadoria? Assim é que eles vendem novilhos. Pensaste mesmo que o Príncipe seria capaz de te maltratar desse modo?

CLÁUDIO – Peço-te, deixa-me em paz.

BENEDICTO – *Arrá*, então agora tu me atacas como o homem cego daquela história: o rapaz rouba-te a carne, e tu, num impulso, acabas te chocando contra um poste de pedra.

CLÁUDIO – Já que não me deixas em paz, retiro-me eu de tua presença.

[Sai.]

BENEDICTO – Ai, ai, ai, pobre pássaro ferido; agora vai esconder-se nas junças. Mas, e a minha Lady Beatriz, que me conhece tão bem e nem mesmo me reconhece. Bobo da corte! *Hãrrã*, pode ser que faça jus a esse título porque sou alegre. Sim, é isso, mas e também com isso o que faço é uma injustiça comigo mesmo. Não tenho tal reputação; é a inclinação ignóbil, porém amarga, dessa Beatriz que encaixa o mundo inteiro em sua própria pessoa e que por isso me proclama um bobo. Pois bem; vou arranjar um jeito de vingar-me.

Entram o Príncipe Dom Pedro, Hero e Leonato.

DOM PEDRO – Agora, signior, onde está o Conde? Por acaso viste Cláudio?

BENEDICTO – Na verdade, milorde, há pouco fiz o papel de Madame Boataria. Encontrei-o aqui, melancólico como uma toca num viveiro de coelhos. Conteí-

lhe, e acredito ter lhe contado a verdade, que Vossa Graça granjeou a afeição desta jovem dama, e ofereci-lhe minha companhia até que chegássemos a um salgueiro, fosse para fazer-lhe uma guirlanda, por ter sido abandonado, fosse para fazer-lhe um açoite, por ser ele merecedor de uns laços.

DOM PEDRO – Merecedor de uns laços? Que fez ele de errado?

BENEDICTO – A mais rematada transgressão de um menino na escola: transbordando de felicidade por haver encontrado um ninho de passarinhos, mostra-o ao seu colega, que lhe rouba o ninho.

DOM PEDRO – Tomas por transgressão um ato de confiança? A transgressão está no gatuno.

BENEDICTO – E, no entanto, não teriam sido feitos em vão nem o açoite nem a guirlanda, pois ele próprio teria usado a guirlanda e poderia ter vos aplicado o açoite em vós, que, pelo que entendi, roubou-lhe o ninho de passarinhos.

DOM PEDRO – Vou tão somente ensinar-lhes a cantar, e então eu os devolvo ao seu dono.

BENEDICTO – Se o canto deles responder a isso que me afirmais, então, por minha fé, vós falais honestamente.

DOM PEDRO – A dama Beatriz tem uma queixa contra ti; o cavalheiro com quem ela dançou contou-lhe que tu a caluniaste.

BENEDICTO – Ah, mas ela me maltratou além da conta, mais do que um cabeçadura suportaria! Um carvalho que tivesse só uma última e única folha verde teria revidado. Minha própria máscara começou a criar vida, para poder xingá-la. Ela me disse, pensando que eu não fosse eu, que eu era o bobo da corte, sujeito mais aborrecido que um dia de chuva incessante, mandando e amontoando gracejo em cima de gracejo com tal destreza, e tudo tão inacreditável, que lá estava eu, posicionado como o sujeito que toma conta do alvo, com um exército inteiro atirando contra mim. Ela tem a língua afiada: cada palavra é um punhal, e fere fundo. Respirasse ela de modo tão terrível como se refere a mim e não haveria vida ao redor dela; ela infectaria a Estrela Polar. Eu não me casaria com ela, nem que seu dote fosse tudo o que Adão deixou para trás quando desobedeceu. Ela teria feito de Hércules um reles serviçal, obrigando-o a ficar virando o espeto do assado, isso, e a rachar sua clava para fazer o fogo também. Vamos, não me faleis dela; descobrireis que é a infernal Ateia numa bela roupagem. Quisera Deus algum ilustre sábio exorcizasse-a, pois com certeza, enquanto ela estiver aqui, um homem pode viver no inferno com tanta paz como se estivesse num santuário, e as pessoas cometem pecados de propósito, pois desejam ir para o

inferno, porque, na verdade, acompanham-na a inquietação, o horror e a perturbação.

Entram Cláudio e Beatriz.

DOM PEDRO – Olha, aí vem ela.

BENEDICTO – Vossa Graça, peço-vos, mandai-me em alguma incumbência para o fim do mundo. Vou agora mesmo até os Antípodas, faço qualquer servicinho que vós conseguirdes imaginar para mim. Eu vos busco um palito, agora, do mais longínquo cantinho da Ásia; eu vos trago as medidas do pé do Presbítero João; vou e volto com um fio da barba do Grande Khan para vós; eu vos represento em qualquer embaixada junto aos Pigmeus. Qualquer coisa é melhor que uma conferência de três palavras com essa harpia. Vós não teríeis, milorde, algum serviço para mim?

DOM PEDRO – Nada; mas desejo a tua boa companhia.

BENEDICTO – Ah, meu Deus! Milorde, aqui temos um prato que não me apetece. Não consigo tolerar a minha Senhorita Língua.

[Sai.]

DOM PEDRO – Vamos, senhorita, calma. A senhorita perdeu o coração do Signior Benedicto.

BEATRIZ – Deveras, milorde: aquele senhor emprestou-me o seu coração por algum tempo, e por ele eu paguei juro, e entreguei-lhe o meu coração em dobro, em troca daquele coração avulso. Então, realmente: se antes ele me ganhou o coração com dados viciados, Vossa Graça pode muito bem dizer agora que eu o perdi.

DOM PEDRO – A senhorita derrubou o Signior Benedicto, Lady Beatriz. A senhorita levou-o ao chão.

BEATRIZ – Não quero eu que ele me faça o mesmo, milorde, a menos que quisesse eu ser a rainha dos bobalhões. Trouxe comigo o Conde Cláudio, a quem vós me pedistes que procurasse.

DOM PEDRO – Mas, então, o que é isso, Conde? Por que estás triste?

CLÁUDIO – Não é triste, milorde.

DOM PEDRO – O que é, então? Estás doente?

CLÁUDIO – Nem um, nem outro, milorde.

BEATRIZ – O Conde não está nem triste, nem doente, nem alegre, e tampouco está passando bem; mas é um Conde civil e civilizado, polido como uma laranja

ainda verde... de ciúmes.

DOM PEDRO – De fato, senhorita, penso que sua ornamentada descrição é bastante fiel à verdade, embora eu possa jurar: se ele está com ciúmes, é por uma ideia falsa. Chega-te para cá, Cláudio. Fiz a corte em teu nome, e a bela Hero está conquistada. Conte as novas ao pai da moça e obtive dele o consentimento. Marca o dia do casamento, e que Deus te abençoe com muitas alegrias!

LEONATO – Conde, receba de mim a minha filha, e com ela minha fortuna. Vossa Graça nosso Príncipe foi quem tramou o enlace, e a Graça Divina disse “Amém”.

BEATRIZ – Fale, Conde, é a sua deixa.

CLÁUDIO – O silêncio é o mais perfeito arauto da felicidade. Eu estaria pouco feliz, se conseguisse dizer o quanto. Minha senhorita, assim como você é minha, eu sou seu; doo-me por completo para você, e loucamente enamoro-me dessa troca.

BEATRIZ – Fala, prima, ou então, se não consegues falar, cerra-lhe a boca com um beijo, que assim tu o impedes de falar também.

DOM PEDRO – Por minha fé, Lady Beatriz, a senhorita tem um coração alegre.

BEATRIZ – Sim, milorde, e a ele sou agradecida, este pobre tolo; protege-me da ventania das preocupações. Minha prima sussurra ao ouvido do Conde que ele está em seu coração.

CLÁUDIO – É isso mesmo, prima.

BEATRIZ – Meu bom Deus! Mais um parente! Mais uma aliança unindo cada dois, como em todo o mundo, menos eu, e minha pele está queimada do sol. Não sou lindamente pálida, tenho mais é de sentar-me a um canto e gritar, implorando por um marido, qualquer um.

DOM PEDRO – Lady Beatriz, eu vou lhe arranjar um.

BEATRIZ – Preferia que fosse um da produção de vosso pai. Não teríeis Vossa Graça um irmão parecido? Vosso pai gerou excelentes maridos, se uma donzela pudesse deles chegar-se perto.

DOM PEDRO – Deseja ter-me por esposo, senhorita?

BEATRIZ – Não, milorde, a menos que eu pudesse ter outro para os dias de semana; Vossa Graça sois valioso demais para o uso diário. Mas suplico a Vossa Graça: perdoai-me; nasci para falar todo tipo de tolice, e nada de sensato.

DOM PEDRO – Seu silêncio sim é que me ofenderia, e ser alegre cai-lhe muito bem, pois não há como duvidar que a senhorita nasceu em uma hora alegre.

BEATRIZ – Com certeza que não, milorde; minha mãe gritava e chorava; mas então uma estrela dançou no céu, e foi sob essa estrela que eu nasci. Primos, que Deus lhes dê alegria!

LEONATO – Sobrinha, tu vais tomar conta daquelas coisas de que te falei?

BEATRIZ – Peço-lhe desculpas, meu tio. Com a licença de Vossa Graça.

[Sai.]

DOM PEDRO – Por minha fé, eis aí uma dama de esplêndido humor.

LEONATO – Pouco há do elemento da melancolia nela, milorde; jamais está triste, a não ser quando dorme, e, mesmo assim, não é sempre, pois já ouvi minha filha contar que muitas vezes ela sonhou com infelicidades e acordou-se com risadas.

DOM PEDRO – Não tolera que lhe falem de marido.

LEONATO – Ah, mas de jeito nenhum. Ela zomba de todos os seus admiradores; nenhum deles presta.

DOM PEDRO – Daria uma excelente esposa para Benedicto.

LEONATO – Ai, Senhor! Milorde, ficassem eles uma semana casados, um enlouqueceria o outro de tanto falar.

DOM PEDRO – Conde Cláudio, quando tencionas ir à igreja?

CLÁUDIO – Amanhã, milorde; o tempo move-se de muletas até que o amor preencha todos os seus ritos.

LEONATO – Não até segunda-feira, meu querido filho, que é daqui a sete dias apenas, e tempo curto demais ainda por cima, para que tudo corra de acordo com minha vontade.

DOM PEDRO – Ora, vamos, tu abanas a cabeça diante de tão longa espera, mas eu te garanto, Cláudio, não precisarás prender a respiração até lá: esse tempo não nos será tedioso. Nesse ínterim, proponho-me a empreender um dos trabalhos de Hércules, qual seja, juntar Signior Benedicto e Lady Beatriz numa montanha de afeição mútua. Resultar daí um casamento é o que me deixaria satisfeito, e não tenho dúvidas de poder moldar uma tal união, se vocês três me prestarem a assistência de que preciso, conforme minhas instruções.

LEONATO – Milorde, estou ao vosso dispor, nem que isso me custe dez noites sem dormir.

CLÁUDIO – Também eu, milorde.

DOM PEDRO – E a senhorita também, gentil Hero?

HERO – Todos os meus modestos préstimos poderão ser usados, milorde, para

ajudar minha prima a conseguir um bom marido.

DOM PEDRO – E Benedicto não é noivo dos menos promissores que conheço. Até certo ponto posso até mesmo elogiá-lo: é de nobre caráter, de notório valor e de comprovada honradez. Eu a ensinarei, senhorita, a predispor sua prima a apaixonar-se por Benedicto; e eu (*dirigindo-se a Leonato e Cláudio*), com a ajuda de vocês dois, vou manejar Benedicto de tal forma que, apesar de suas tiradas rápidas e de seu estômago enjoado, ele se apaixonará por Beatriz. Se soubermos fazer isso, Cupido deixa de ser um arqueiro; sua glória será nossa, pois seremos os únicos deuses do amor. Vamos andando comigo, e eu lhes conto de minhas intenções.

[*Saem.*]

CENA II

Um outro aposento na casa de Leonato.

Entram Dom John e Borracho.

DOM JOHN – É isso mesmo, o Conde Cláudio deve casar-se com a filha de Leonato.

BORRACHO – Sim, milorde, mas eu posso dar um jeito de frustrar esse casamento.

DOM JOHN – Qualquer obstáculo, qualquer entrave, qualquer impedimento será medicinal para mim. Estou doente de desgosto por causa dele, e tudo o que lhe atravancar a vontade alinha-se instantaneamente comigo. Como podes pôr a perder esse casamento?

BORRACHO – Não de modo honesto, milorde, mas de modo tão escamoteado que nenhuma desonestidade será detectada em mim.

DOM JOHN – Agora, em poucas palavras, diz-me como.

BORRACHO – Penso que contei ao senhor, milorde, há coisa de um ano, como sou benquisto por Margarete, a dama de companhia de Hero.

DOM JOHN – Estou lembrado.

BORRACHO – Eu posso, a qualquer hora da noite, mesmo a mais inconveniente, marcar com ela pra que apareça à janela do quarto de sua ama.

DOM JOHN – E que força vital tem isso para determinar o óbito desse casamento?

BORRACHO – O veneno da coisa está em o senhor saber misturar os ingredientes. Procure o Príncipe seu irmão; não poupe palavras ao contar-lhe que ele agiu contra a própria honra arranjando para o renomado Cláudio (cujo valor e

reputação o senhor vigorosamente enaltecerá) uma isca para amarrar-se a uma bela bisca como essa Hero, mulher manchada.

DOM JOHN – E que provas posso oferecer de uma coisa dessas?

BORRACHO – Prova suficiente para iludir o Príncipe, para deixar Cláudio arrasado, para destruir Hero e matar Leonato. E o senhor desejaria algo mais?

DOM JOHN – Se é para descarregar minha maldade sobre eles, eu sou capaz de qualquer coisa.

BORRACHO – Faça isto, então: acerte comigo uma hora conveniente para o senhor ter um particular com Dom Pedro e o Conde Cláudio. Diga-lhes que o senhor está sabendo que Hero está apaixonada por mim. Mostre-se zeloso pelos dois, o Príncipe e Cláudio, como se tivesse amor à honra de seu irmão, que arranjou esse casamento, e à reputação do amigo de seu irmão, que assim está prestes a ser lesado com a aparência de uma donzela; por isso é que o senhor está lhes revelando tal coisa. Eles dificilmente acreditarão nisso sem provas; ofereça-lhes a evidência, que não será nada menos que a probabilidade de me verem à janela do quarto da senhorita, escutando-me chamar Margarete de Hero, escutando Margarete chamar-me de Cláudio. Traga-os para presenciar isso bem na noite da véspera da boda pretendida, pois neste meio tempo conduzirei a questão de tal modo que Hero estará ausente; e surgirá com tal aparência de verdade a traição de Hero, que uma desconfiança torna-se certeza e as preparações para o casamento estarão arruinadas.

DOM JOHN – Tenha as consequências adversas que tiver, colocarei o plano em prática. E você, seja astuto ao preparar isso, e mil ducados será sua gratificação.

BORRACHO – Mantenha-se o senhor constante em suas acusações, e minha astúcia não me envergonhará.

DOM JOHN – Vou tratar agora mesmo de me informar sobre a data do casamento.

[Saem.]

CENA III

Nos jardins da propriedade de Leonato.

Entra Benedicto, sozinho.

BENEDICTO – Rapaz!

Entra o Pajem.

PAJEM – Signior?

BENEDICTO – Na janela de meu quarto tem um livro; busca-o para mim, aqui no pomar.

PAJEM – Eu já estou aqui, senhor.

BENEDICTO – Eu sei, mas preciso que tu vás até lá e voltes para cá. *(Sai o Pajem.)* Deixa-me perplexo que um homem, ao ver o quanto um outro homem fica bobo quando devota suas ações ao amor, e depois de haver ridicularizado essas loucuras superficiais nos outros, torna-se, ele mesmo, o tema de seu próprio menosprezo ao apaixonar-se; e Cláudio é esse homem. Conheço-o de quando para ele não havia outra música que a dos tambores e dos pífanos, e agora ele prefere escutar o tamboril e a flauta. Conheço-o de quando teria andado dez milhas a pé, só para ver uma boa armadura, e agora ele é capaz de passar dez noites em claro só para inventar o modelo de um novo gibão. Tinha o costume de falar claro e ir direto ao ponto, como um homem de bem, como um soldado, e agora ele é a gramática ambulante, e pedante: suas palavras são um banquete fantasioso, feito de muitos pratos exóticos. Será que eu poderia ser assim convertido e passar a enxergar com tais olhos? Não sei dizer; acho que não. Não posso jurar que o amor não vá me transformar em uma ostra, mas um juramento posso fazer sobre esta questão: até que o amor tenha feito de mim uma ostra, ele jamais fará de mim um paspalhão desses que se vê por aí. Uma mulher pode ser linda, e eu fico firme; outra pode ser inteligente, e eu fico firme; uma outra pode ser virtuosa, e eu fico firme; até que todas as boas graças estejam em uma só mulher, não há uma só mulher que caia nas minhas boas graças. Terá de ser rica, isso é certo; inteligente, ou não me interessa; virtuosa, pois do contrário não faço proposta de contrato com ela; formosa, porque se não, nem a olho na cara; suave, porque se não, nem a deixo chegar perto de mim; de nobre valor, como eu, ou... nem que fosse um anjo, não teria valor para mim; terá uma conversa agradável, saberá tocar música como ninguém, e seu cabelo será... da cor que Deus quiser. *Arrá!* Aí vêm o Príncipe e Monsieur L'Amour! Vou me esconder ali no caramanchão.

[Retira-se.]

Entram o Príncipe Dom Pedro, Leonato, Cláudio, e Baltasar, com música.

DOM PEDRO – Então, vamos lá, que tal ouvirmos essa música?

CLÁUDIO – Sim, meu bom Príncipe. E como está parada a noite! Como se tivesse silenciado de propósito para favorecer a melodia.

DOM PEDRO – Viste onde Benedicto escondeu-se?

CLÁUDIO – Vi muito bem, milorde. No que terminar a música, essa nossa raposa velha vai começar a receber o que merece.

DOM PEDRO – Vamos lá, Baltasar, queremos ouvir essa música de novo.

BALTASAR – Ah, meu bom Príncipe, não queirais impor a uma voz tão ruim a tarefa de estragar essa canção mais de uma vez.

DOM PEDRO – Mascarar a própria perfeição sempre é testemunho de excelência. Peço-te por favor que cantes, e não me faças implorar como um namorado.

BALTASAR – Uma vez que vós falais de namoro, cantarei, já que muitos dos que fazem a corte a uma dama dão início ao namoro mesmo sem considerá-la digna; e, assim mesmo, ele a corteja; e, assim mesmo, ele jura que lhe tem amor.

DOM PEDRO – Sim, peço-te, vamos lá, começa de uma vez, ou então, se queres discursar mais longamente, põe isso em notas.

BALTASAR – Mas, antes de minhas notas, tomai nota do seguinte: não há uma única nota minha que seja notável, e sequer digna de nota.

DOM PEDRO – Ora, mas o homem fala em colcheias dentro de colchetes! Notar só as notas, deveras, é o mesmo que não notar nada!

[Música.]

BENEDICTO (*à parte*) – Que soprem os acordes divinos! Isso, agora, sim, a alma dele deixou-se arrebatado! Não é esquisito pensar que umas tripas de carneiro conseguem elevar o espírito, transportá-lo para fora do corpo do homem? Pois bem, quando isso tudo tiver acabado, vou comprar mas é uma corneta de caça para mim.

A canção.

BALTASAR –

Chega de suspiros, senhoritas, chega de tanto

[suspirar,

Que os homens sempre foram mestres em enganar:

Eles têm um pé em terra firme, e o outro pé está

[no mar,

Constantes a uma coisa só eles não serão jamais.

Portanto, não suspirem, mas deixem, deixem que

[eles se vão

E sejam vocês, senhoritas, saudáveis, belas e joviais

E transformem todos os sons de mágoas e aflição

Em larilás, dumdiduns, e outras mais coisas tais
Chega de cantilenas, chega de tantas vezes cantar
Sobre sombria melancolia, tristezas e tanto pesar;
Da fraude que são os homens não há como escapar
Desde que o verão primeiro fez uvas nos parreirais.
Portanto, não suspirem, mas deixem, deixem que
[eles se vão

E sejam vocês, senhoritas, saudáveis, belas e joviais
E transformem todos os sons de mágoas e aflição
Em larilás, dumdiduns, e outras mais coisas tais

DOM PEDRO – Por minha fé, que bela música.

BALTASAR – E que músico ruim, milorde.

DOM PEDRO – Não, nada disso; na verdade, tu cantas suficientemente bem para uma apresentação.

BENEDICTO (*à parte*) – Fosse ele um cão que tivesse uivado desse jeito, e mandavam enforcá-lo. Quanto a mim, só peço a Deus que essa voz horrorosa não seja mau agouro, prenúncio de desgraças. De bom grado eu teria escolhido escutar o corvo que só sabe grasnar à noite, viesse o que viesse de praga sobre nós depois disso.

DOM PEDRO – Sim, deveras, tu estás me escutando, Baltasar? Eu te peço que nos brinde com música nada menos que excelente, pois amanhã à noite teremos serenata à janela do quarto de Lady Hero.

BALTASAR – Farei o melhor possível, milorde.

DOM PEDRO – Pois então faze-o. Agora, adeus. (*Sai Baltasar.*) Venha cá, Leonato. Que conversa foi aquela que o senhor teve comigo hoje, sobre a sua sobrinha Beatriz estar apaixonada pelo Signior Benedicto?

CLÁUDIO – Ah, isso! (*À parte, dirigindo-se a Dom Pedro:*) Silêncio, cuidado na aproximação, pois a ave de nossa caça pousou. – Jamais imaginei que Lady Beatriz pudesse amar um homem.

LEONATO – Nem eu! Mas o mais surpreendente é ela ficar assim louca de amores justo pelo Signior Benedicto, por quem ela demonstrava, em todas as ações aparentes, sempre, verdadeiro asco, total aversão.

BENEDICTO (*à parte*) – Será possível? Estará o vento me soprando desde este quadrante?

LEONATO – Por minha fé, milorde, nem sei o que pensar disso; só posso dizer-vos

que, se ela o ama com frenesi, presa de uma afeição insensata, é algo que vai além de qualquer pensamento cabível, e incabível também.

DOM PEDRO – Talvez ela esteja só fingindo.

CLÁUDIO – De fato; é bem possível.

LEONATO – Ah, meu Deus! Fingindo? Pois eu digo que jamais houve paixão fingida que se aproximasse tanto de uma paixão sentida como esta que ela demonstra.

DOM PEDRO – Ora, e ela tem dado mostras de que sintomas de paixão?

CLÁUDIO (*à parte*) – Põe-se boa isca no anzol, e o peixe morde.

LEONATO – Que sintomas, milorde? Ela me fica sentada, parada... (*Dirigindo-se a Cláudio:*) Você ouviu minha filha contando-lhe em que estado.

CLÁUDIO – Ela me contou, sim.

DOM PEDRO – Mas, em que estado, em que estado? Eu lhe peço, conte-me. O senhor me surpreende, pois eu imaginava o espírito de Lady Beatriz invencível, escudado contra toda e qualquer investida amorosa.

LEONATO – Pois eu podia jurar que era assim, milorde, especialmente contra Benedicto.

BENEDICTO (*à parte*) – Eu pensaria que isso é uma armação, não fosse quem fala o sujeito de barba branca. Uma cafajestada com certeza não pode esconder-se por trás de tanta dignidade.

CLÁUDIO (*à parte*) – Ele se deixou contaminar; vamos adiante.

DOM PEDRO – Ela já declarou sua afeição a Benedicto?

LEONATO – Não, e jura que jamais o fará; e este é o seu tormento.

CLÁUDIO – Isso é bem verdade, e eis o que me diz a sua filha, senhor: “Como poderia eu”, diz ela, “que tantas vezes fui ao encontro dele com escárnio, escrever-lhe para dizer que o amo?”.

LEONATO – Isso ela diz agora, sempre que começa a escrever para ele, pois levanta-se da cama vinte vezes por noite, e lá fica ela, sentada, de camisola, até encher de palavras uma folha de papel inteirinha, e grande como lençóis. Minha filha conta-nos tudo.

CLÁUDIO – Agora que o senhor mencionou um papel grande como lençóis, lembrei-me de uma coisa engraçada que sua filha me contou.

LEONATO – Ah, sim: quando ela terminou de escrever, e está relendo a carta, ela encontra “Benedicto” e “Beatriz” no meio dos lençóis. É isso?

CLÁUDIO – Isso mesmo.

LEONATO – Ah, ela rasgou a carta em mil pedaços e ralhou consigo mesma por ser tão vulgar a ponto de escrever para alguém que ela sabia que iria desprezá-la. “Calculo a reação dele”, disse ela, “por minha própria conduta, pois eu zombaria dele se me escrevesse; sim, apesar do amor que sinto por ele, eu dele escarneceria.”

CLÁUDIO – Então ela cai de joelhos, chora, soluça, bate no peito, arranca os cabelos, reza e blasfema: “Ah, meu querido Benedicto! Deus, dai-me paciência!”.

LEONATO – Assim ela faz, pelo que diz minha filha, e esse arrebatamento nervoso oprime-a de tal forma que minha filha por vezes receia que ela vá tomar uma atitude ultrajante e desesperada contra si mesma. É a pura verdade.

DOM PEDRO – Seria bom Benedicto ficar sabendo disso por intermédio de alguém, já que ela se recusa a revelar esse amor.

CLÁUDIO – Com que objetivo? Ele faria disso um passatempo, e atormentaria ainda mais a pobre dama.

DOM PEDRO – Se a tal ele se atrevesse, enforcá-lo seria um ato de caridade. Ela é uma doce dama, uma excelente alma e, sendo como é, mulher acima de qualquer suspeita, é senhorita virtuosa.

CLÁUDIO – E muito inteligente.

DOM PEDRO – Em tudo, menos em seu amor por Benedicto.

LEONATO – Ah, milorde, inteligência e paixão guerreando em um corpo tão delicado, sabe-se que, para cada caso em que vence a razão, há dez casos em que o coração é vitorioso. Tenho pena dela, e por justa causa, pois, além de tio, sou seu tutor.

DOM PEDRO – Quisera eu estivesse ela tomada de amores por mim; eu teria me despido de todas as outras considerações e faria dela metade de mim. Peço-lhe que exponha esse assunto a Benedicto e escute o que ele tem a dizer.

LEONATO – Pensais que isso seria o melhor a se fazer?

CLÁUDIO – Hero acredita piamente que ela morrerá; pois ela diz que morrerá se ele não a ama, e prefere morrer a declarar a ele seu amor, e morrerá se ele vier cortejá-la, pois não deseja ela subtrair nem um único suspiro de seu habitual mau humor.

DOM PEDRO – Faz ela muito bem: se ela viesse a oferecer-lhe o seu amor, é bem possível que ele viesse a menosprezá-lo, pois o homem, como vós todos sabeis,

tem um espírito desdenhoso.

CLÁUDIO – Ele é um belo homem.

DOM PEDRO – Deveras, ele tem uma estampa que não é de se jogar fora.

CLÁUDIO – Perante Deus, e a meu ver, muito inteligente.

DOM PEDRO – Deveras, ele tem mesmo algumas tiradas que parecem ser inteligentes.

CLÁUDIO – E tenho para mim que é homem de coragem.

DOM PEDRO – Como Heitor, metido a valentão, eu vos asseguro que é no manejo de brigas que se pode dizer que ele é inteligente, pois ou ele as evita com grande discrição, ou delas ele participa com um temor muito cristão.

LEONATO – Se ele teme a Deus, deve necessariamente manter a paz; se for para infringir a paz, ele precisa entrar numa briga com temores e tremores.

DOM PEDRO – E assim ele faz, pois o homem teme a Deus, apesar de não parecer, dadas as pilhérias que ele faz sobre o assunto, naquele seu jeito folgado. Bom, tenho é pena de sua sobrinha. Que tal procurarmos Benedicto e contar-lhe sobre o amor que ela lhe tem?

CLÁUDIO – Não devemos jamais contar, milorde. Deixemos Lady Beatriz descartar esse amor através dos conselhos de seu próprio coração.

LEONATO – Impossível; antes disso acontecer, ela já teria descartado o próprio coração.

DOM PEDRO – Bem, de qualquer modo estaremos a par desse assunto por intermédio de sua filha; deixemos isso de lado por enquanto. Gosto demais de Benedicto, e meu desejo seria que ele se examinasse a si mesmo com toda a humildade, para ver o quanto ele não merece mulher tão boa como essa dama.

LEONATO – Milorde, quem sabe nós não vamos andando? O jantar está pronto.

CLÁUDIO (*à parte*) – Se ele não cair de amores por ela depois de tudo isso, nunca mais confio em minhas expectativas.

DOM PEDRO (*à parte*) – Que a mesma rede seja armada para ela, rede essa que sua filha, auxiliada por suas damas de companhia, fica encarregada de preparar. O divertido será ver quando cada um estiver acreditando que o outro lhe tem irrefreável amor, e nada disso existe; essa é a cena que eu desejo ver, sem dúvida nada além de uma pantomima. Vamos mandar Lady Beatriz chamar o Signior Benedicto para o jantar.

[*Saem Dom Pedro, Cláudio e Leonato.*]

BENEDICTO (*chegando-se para a frente*) – Isso não pode ser uma brincadeira. Essa foi uma conferência que se deu com toda a seriedade. Eles sabem que isso é verdade por meio de Hero. E parece que eles têm pena da dama; pelo jeito, os sentimentos dela atingiram seu máximo. Ela me ama, a mim? Ora, mas esse é um afeto que precisa ser retribuído. Escutei muito bem o que pensam a meu respeito. Dizem que me será motivo de orgulho perceber o amor que ela me devota; dizem também que ela prefere morrer a dar-me qualquer sinal de afeição. Jamais pensei em casar-me. Não devo portar-me de modo arrogante. Felizes os que conseguem ouvir seus detratores e, com isso, passam a retratar-se. Dizem que a dama é formosa; aí está uma verdade, e dela sou testemunha. Dizem que a dama é virtuosa; é fato, e não tenho como desmenti-lo. Dizem que a dama é inteligente, com a exceção de que me ama; por minha fé, claro que me ter amor não acrescenta nada à inteligência dela, mas também não é argumento para mostrar que a dama é doida, pois vou apaixonar-me doidamente por ela. Pode ser que eu venha a sofrer de algumas recaídas aqui e ali, e também por alguns resquícios de minha própria ironia que venham a jogar contra mim, uma vez que por tanto tempo fiz campanha contra o casamento. Mas não é verdade que o apetite modifica-se com a idade? Na juventude, o homem adora a carne que não aguenta na velhice. Podem os sofismas e os provérbios e esses tiros de festim do cérebro intimidar um homem a ponto de mudar o curso de seus humores? Não, o mundo tem de ser povoado. Quando eu disse que morreria solteiro, não pensava que viveria até ter a oportunidade de me casar. Aí vem Beatriz. Pelo sol que ilumina este dia, que linda mulher! Vejo nela alguns sinais de amor.

Entra Beatriz.

BEATRIZ – Contra minha vontade, mandaram-me avisá-lo que está na hora do jantar.

BENEDICTO – Formosa Beatriz, agradeço-lhe ter se dado a esse incômodo.

BEATRIZ – Não me foi incômodo fazer algo para receber seus agradecimentos... não mais que o incômodo que lhe foi agradecer-me. Tivesse eu me sentido incomodada, não teria vindo.

BENEDICTO – A senhorita então achou prazeroso vir dar-me esse aviso?

BEATRIZ – Claro, tanto quanto alguém pode achar prazeroso silenciar uma gralha a ponta de faca. O senhor não está com vontade de jantar. Adeus, passar bem.

[Sai.]

BENEDICTO – Arrá! “Contra minha vontade, mandaram-me avisá-lo que está na hora do jantar.” Existe um duplo sentido nisso. “Não me foi incômodo fazer algo

para receber seus agradecimentos... não mais que o incômodo que o senhor teve em agradecer-me.” Isso é o mesmo que dizer: “Todo e qualquer incômodo que eu passar por sua causa é tão fácil como dizer ‘obrigada’ ”. Se eu não tiver compaixão por essa moça, estarei sendo um cafajeste; se eu não lhe tiver amor, estarei sendo um desalmado dum judeu. Vou pegar o retrato dela.

[Sai.]

² Guirlandas feitas com ramagens de salgueiro eram o símbolo de amores perdidos. (N.T.)

TERCEIRO ATO

CENA I

No pomar dos jardins de Leonato.

Entram Hero com duas damas de companhia, Margarete e Úrsula.

HERO – Minha boa Margarete, corre até o salão; lá encontrarás minha prima Beatriz em conversação com o Príncipe e Cláudio. Sussurra-lhe ao ouvido e diz-lhe que eu e Úrsula estamos passeando no pomar, e que todo o nosso discurso é só sobre ela; diz-lhe que tu nos escutaste sem querer, e pede-lhe que venha esconder-se sob aquele caramanchão frondoso onde as madressilvas que se abriram pelo sol e para o sol agora proíbem-no de ali entrar; como fazem as favoritas, que atiram seu orgulho contra o poder que as gerou. Pois ali deve Beatriz esconder-se para escutar o que nós dizemos. Essa a tua incumbência; cumpre-a com afinco. E, agora, deixa-nos a sós.

MARGARETE – Farei com que ela venha, isso eu lhe garanto, e logo.

[Sai.]

HERO – Agora, Úrsula, quando Beatriz chegar, à medida que nós fazemos este caminho de um lado para outro e de volta, nossa conversa deve girar em torno de Benedicto, e só dele. Quando eu pronunciar o nome dele, tua parte será elogiá-lo mais do que qualquer homem merece. Eu falarei contigo sobre como Benedicto está doente de amor por Beatriz. Dessa matéria que é feita a seta esperta do pequerrucho Cupido, que fere só de ouvir falar.

Entra Beatriz, no caramanchão.

Agora começa, pois olha só onde Beatriz, como um abibe, corre rente ao chão, agachada, que é para escutar o que falamos.

ÚRSULA – O mais agradável na pescaria com linha e anzol é ver a vítima cortar o prateado da água com suas barbatanas de puro ouro para avidamente devorar a isca traiçoeira. Então nossa vítima é Beatriz, agora mesmo agachadinha sob o caramanchão. A senhorita não tem o que recear quanto à minha parte do diálogo.

HERO – Vamos então nos aproximando dela, de modo que seu ouvido não perca nem um tiquinho desta isca doce e falsa que preparamos para o nosso peixe. *(Aproximando-se do caramanchão.)* Mas não, Úrsula; de verdade, ela é desdenhosa demais; eu lhe conheço o temperamento, e ela se põe distante dos

outros e é selvagem e indomesticável como um falcão-fêmea dos rochedos que ainda não pôs plumagem adulta.

ÚRSULA – Mas a senhorita tem certeza que Benedicto ama Beatriz tão completamente?

HERO – Assim diz o Príncipe, e o meu futuro amo e senhor, a quem estou recém-comprometida.

ÚRSULA – E pediram-lhe eles que contasse isso a ela, minha senhora?

HERO – Eles me encarregaram, sim, de fazer com que ela soubesse disso, mas eu os persuadi do contrário; se é que gostavam mesmo de Benedicto, desejassem a ele lutar contra esse sentimento por Beatriz e jamais declarar-se a ela.

ÚRSULA – Mas por que a senhorita fez isso? O cavalheiro não é merecedor de cama tão afortunada como aquela onde virá a se deitar Beatriz?

HERO – Ó deus do amor! Eu sei que ele é bem merecedor de tudo quanto se pode conceder a um homem; mas a Natureza jamais moldou coração feminino em material mais arrogante que o de Beatriz. O desdém e o escárnio cintilam em seus olhos, menosprezando tudo que eles fitam, e ela tanto valoriza a própria inteligência que tudo o mais lhe parece débil. Ela não sabe amar, tampouco conceber forma ou ideia de sentimento amoroso, tal é o alto apreço em que se tem a si própria.

ÚRSULA – Certo, assim também penso eu. Assim, é certo que não será bom ela ficar sabendo do amor dele, para que não venha a tratar esse sentimento como um brinquedo seu.

HERO – Mas, ora vejam, a senhora falou muito bem. Ainda não conheci nenhum homem, por mais inteligente que fosse, por mais nobre que fosse, por mais jovem e bonito que fosse, que ela não o tivesse desfeito, desancado e desconversado. Se ele tem belos traços, ela jura que o cavalheiro pode se fazer passar pela irmã; se ele tem a pele escura, ora, a Natureza, ao tentar desenhar um bufão grotesco, executou um borrão nojento; se é homem alto, uma lança de cabeça malfeita; se é baixo, uma figura de anão em anel ou selo de nobre, em ágata muito mal-lapidada; se é homem falante, ora, não passa de um catavento que gira ao sabor dos quatro ventos; se é calado, ora, então é uma porta, tapada aos quatro ventos. Assim é que ela pega qualquer homem e o vira do avesso, sem jamais conceder à verdade e à virtude de cada um o que eles vêm buscar com integridade e mérito.

ÚRSULA – Claro, claro, um espírito assim crítico não é recomendável.

HERO – Certamente que não; ser tão estranha e contrária a todos os padrões como é Beatriz não pode ser recomendável. Mas quem se atreve a dizer isso a ela? Se eu falo, ela zomba de mim e me reduz a pó. Ah, ela iria me ridicularizar até que eu ficasse fora de mim, prensando-me até a morte com tanta esperteza! Portanto, deixemos que Benedicto, como um fogo encoberto, consuma-se em suspiros, gaste-se por dentro. É morte melhor que morrer de tanto ser motivo de piadas, o que é tão ruim como morrer de tanto rir.

ÚRSULA – Mesmo assim, conte a ela; ouça o que ela tem a dizer.

HERO – Não; prefiro procurar Benedicto e aconselhá-lo a lutar contra essa paixão. Se for preciso, invento umas mentirinhas inocentes para com elas manchar a imagem de minha prima. Nunca se sabe o quanto uma palavra maldosa pode envenenar uma afeição.

ÚRSULA – Ah, não cometa uma injustiça dessas com sua prima! Ela não pode ser tão desprovida de bom-senso a ponto de recusar um cavalheiro raro, precioso como o Signior Benedicto... justo ela, reconhecida por seu raciocínio rápido, sua inteligência superior!

HERO – E ele é um homem ímpar na Itália; à exceção do meu querido Cláudio.

ÚRSULA – Rogo-lhe, não fique zangada comigo, minha senhora, por expor assim, agora, meu pensamento, mas o Signior Benedicto, por sua figura, seu porte, sua conversa e seu valor, que se saiba, ainda é o primeiro em toda a Itália.

HERO – De fato, ele tem uma excelente reputação.

ÚRSULA – A excelência de sua pessoa fê-lo merecedor de tal reputação antes mesmo que ele a angariasse. Mas quando é o seu casamento, minha senhora?

HERO – Todos os dias, a partir de amanhã! Anda, entra; vou te mostrar umas roupas e adornos, e quero teu conselho quanto ao que fica melhor para me enfeitar amanhã.

ÚRSULA (*à parte*) – Garanto-lhe, minha senhora: nosso pássaro deixou-se prender em nosso visco. Nós a pegamos!

HERO – Se isso for verdade, então o amor dá-se ao acaso: alguns cupidos matam com frechas, outros, com arapucas.

[*Saem Hero e Úrsula.*]

BEATRIZ (*indo à frente*) –

Que fogo faz queimar meus ouvidos? Será que é

[verdade, tudo isso?

Por orgulhosa e insensível, sou assim tão

[desprezível?
Nunca mais serei desdenhosa! Adeus, virgem
[orgulhosa!
Não há glória que sobreviva a um tal tipo de vida.
Benedicto, não deixes de me amar! Eu saberei te
[recompensar,
Domesticando meu selvagem coração ao comando
[de tua doce mão.
Se é verdade que me amas, minha bondade vai te
[pôr em chamas,
E tu vais ter a esperança de unir nossos amores em
[sagrada aliança.
Os outros dizem que tu, Benedicto, és merecedor,
E eu acredito, nem tanto neles, mas sim por amor!

CENA II

Na casa de Leonato.

Entram o Príncipe Dom Pedro, Cláudio, Benedicto e Leonato.

DOM PEDRO – Fico até o seu casamento consumir-se, e então sigo viagem até Aragão.

CLÁUDIO – Eu vos acompanho até lá, milorde, escoltando-vos, se para tanto vós me derdes autorização.

DOM PEDRO – Não; isso, no brilho recém-conquistado de seu casamento, seria uma nódoa tão grande quanto mostrar a uma criança seu casaco novo e não deixá-la usar. Tomarei a liberdade de convocar Benedicto para escoltar-me, para usufruir da companhia dele, pois, desde o último fio de cabelo até o dedão do pé, ele é todo alegria. Já rebentou a corda do arco de Cupido umas duas ou três vezes, e o pequeno algoz não se atreve a cravar-lhe uma frecha. O coração de Benedicto é sólido e sonoro como um sino, e sua língua é o badalo, pois, nele, o que o coração pensa, a língua fala.

BENEDICTO – Cavalheiros, eu não sou mais o mesmo.

LEONATO – Concordo: parece-me que estás mais triste.

CLÁUDIO – Espero que ele tenha se apaixonado.

DOM PEDRO – Enforquem-no! É um folgado! Não há uma só gota de verdadeiro sangue nesse homem para que ele pudesse ser verdadeiramente tocado pelo

amor. Se está triste, é porque está lhe faltando dinheiro.

BENEDICTO – Estou com dor de dente.³

DOM PEDRO – Então é preciso arrancá-lo; queremos ver sangue.

BENEDICTO – É preciso enforcá-lo!

CLÁUDIO – É preciso enforcá-lo primeiro, para depois tirar sangue.

DOM PEDRO – Mas, o quê? Suspiras por uma dor de dente?

LEONATO – Ou são os humores do organismo ou são lombrigas.

BENEDICTO – Bem, qualquer um sabe como cuidar de uma dor, menos quem a sente.

CLÁUDIO – Pois eu digo e repito: ele está apaixonado.

DOM PEDRO – Não enxergo nele nem afeição nem afetação, a menos que seja essa paixão que ele tem por fantasiar-se com roupas estrangeiras, disfarçando-se de holandês hoje, de francês amanhã, ou vestindo a moda de dois países ao mesmo tempo, como um alemão da cintura para baixo, todo calções bufantes, e espanhol do quadril para cima, um capote só. A menos que ele seja apaixonado por essas tolices, como parece ser, ele não cometeu a tolice de se apaixonar, como vocês querem crer.

CLÁUDIO – Se ele não está apaixonado por alguma mulher, não se pode mais acreditar nos velhos sintomas: escova o chapéu todas as manhãs. Isso é presságio de quê?

DOM PEDRO – Algum homem o viu no barbeiro?

CLÁUDIO – Não, mas o ajudante do barbeiro tem sido visto com ele, e o antigo ornamento de sua face já foi usado para rechear bolas de tênis.

LEONATO – Na verdade, ele parece mais jovem agora, sem barba.

DOM PEDRO – Sim, e massageia-se com almíscar. Será que vocês não conseguem cheirar o que lhe vai por dentro?

CLÁUDIO – Isso é o mesmo que dizer que o doce rapaz está apaixonado.

DOM PEDRO – O maior sinal disso é sua melancolia.

CLÁUDIO – E quando que foi hábito dele usar fragrâncias na cara?

DOM PEDRO – Sim, e pintar-se? Pois isso, e por isso, eu ouço dizer que estão falando dele.

CLÁUDIO – Sim, mas seu espírito brincalhão, solto e debochado agora está assim: ora arrasta-se numa corda de alaúde, ora deixa-se paralisar pelos dedos que prendem essa corda no braço do instrumento.

DOM PEDRO – Realmente, isso diz muito sobre ele: o rapaz está abatido. Conclui-se que está amando.

CLÁUDIO – Sim, mas eu sei quem o ama.

DOM PEDRO – Ah, isso eu também gostaria de saber, mas já posso lhe garantir: deve ser alguém que não o conhece.

CLÁUDIO – Mas conhece, a ele e a seus defeitos, e, apesar de tudo, morre de amores por ele.

DOM PEDRO – Pois será enterrada sob o peso dele.

BENEDICTO – E, no entanto, isso não é simpatia para dor de dente. Venerando signior, dê uma caminhada comigo. Estudei cuidadosamente umas oito, nove palavras inteligentes para lhe falar, coisa que esses quadrúpedes palhaços não podem escutar.

[Saem Benedicto e Leonato.]

DOM PEDRO – Por minha própria vida, aposto que ele vai falar com Leonato sobre Beatriz.

CLÁUDIO – É isso mesmo. Hero e Margarete a estas alturas já desempenharam seus papéis para Beatriz, e então os dois ursos não mais se bicarão um ao outro quando se encontrarem.

Entra Dom John, o Bastardo.

DOM JOHN – Deus vos salve, meu senhor e irmão.

DOM PEDRO – Que Deus lhe conceda uma boa tarde, meu irmão.

DOM JOHN – Se é de vossa conveniência, eu gostaria de vos falar.

DOM PEDRO – Em particular?

DOM JOHN – Se for de vossa preferência... mas o Conde Cláudio pode ouvir, pois o que tenho a dizer concerne a ele.

DOM PEDRO – De que se trata?

DOM JOHN (*dirigindo-se a Cláudio*) – Vossa Senhoria tenciona casar-se amanhã?

DOM PEDRO – Tu sabes que sim.

DOM JOHN – Não sei, não... quando ele souber o que eu sei.

CLÁUDIO – Se existe qualquer impedimento, rogo-lhe que me revele o que é.

DOM JOHN – O senhor deve pensar que não lhe tenho estima; que ela apareça mais adiante, quando então espero que o senhor faça melhor juízo de mim, dado o que tenho a lhe relatar agora. Quanto a meu irmão, penso que ele o tem em alta conta e, levado pela grande amizade que lhe devota, prontificou-se a ajudá-lo a

realizar esta sua próxima boda. O certo é que houve um esforço mal-empregado e desperdiçou-se um pedido de casamento.

DOM PEDRO – Por quê? Qual o problema?

DOM JOHN – Pois até aqui eu vim justamente para vos contar; e, encurtando uma história longa, e não é de ontem e não é pouco o que se ouve falar dessa moça, a senhorita em questão é desleal.

CLÁUDIO – Quem? Hero?

DOM JOHN – A própria. Hero, a filha de Leonato; Hero, sua noiva; a Hero de qualquer homem.

CLÁUDIO – Desleal?

DOM JOHN – A palavra é boazinha demais para sequer esboçar-lhe toda a maldade. Eu poderia dizer que ela é mais que isso: pense o senhor em um nome pior, e eu a encaixo nele. Não se espante, não antes de ter provas; venha comigo hoje à noite, e o senhor verá que entram pela janela de seu quarto de dormir até mesmo na véspera de se casar. Se ainda assim o senhor a ama, case-se com ela amanhã; no entanto, o melhor para sua honra seria mudar de ideia.

CLÁUDIO – Será possível?

DOM PEDRO – Recuso-me a acreditar.

DOM JOHN – Se ousardes não acreditar em vossos próprios olhos, é melhor mesmo não confessar o que sabeis. Se quiserdes acompanhar-me, eu vos mostrarei coisas suficientes; e, quando tiverdes visto mais e ouvido mais, podeis proceder de acordo.

CLÁUDIO – Se eu vir alguma coisa hoje à noite... ora, não me caso com ela amanhã, frente à congregação, onde deveria desposá-la, onde vou fazê-la passar vergonha.

DOM PEDRO – E, como fui eu quem a cortejou para que se casasse com você, juntarei minhas forças às suas para desgraçá-la.

DOM JOHN – Não pronuncio outra palavra injuriosa à moça, até que vocês tenham sido minhas testemunhas. Tenham a frieza suficiente para suportar isso só até a meia-noite, quando então o problema será revelado por si mesmo.

DOM PEDRO – Ah, que dia este, que termina em sentido contrário ao seu começo!

CLÁUDIO – Ah, que dano, tão estranho e atravessado!

DOM JOHN – Ah, que calamidade prevenida bem a tempo! Isso é o que vocês dirão quando virem os acontecimentos.

[Saem.]

CENA III

Uma rua.

Entram Corniso e seu colega Vinagrão, com os Sentinelas.

CORNISO – Vocês são homens bons e leais?

VINAGRÃO – Mas claro, senão seria um desperdício eles sofrerem a salvação do corpo e da alma.

CORNISO – Nada disso; seria um castigo bom demais para eles, se é que eles têm um pinga de lealdade neles, já que foram escolhidos para a Guarda do Príncipe.

VINAGRÃO – Bem, meu vizinho Corniso, o senhor pode dar as ordens a eles de suas obrigações.

CORNISO – Primeiro, quem vocês acham que é o menos incapaz de vocês, para ser o Chefe da Guarda?

PRIMEIRO SENTINELA – O Hugo Mingau, senhor, ou então o Jorge Carvão, porque eles sabem escrever e ler.

CORNISO – Venha cá, meu vizinho Carvão. Deus te abençoou com um bom nome; ser um homem bonito é um talento que o Destino lhe dá, mas saber escrever e ler é um dom da Natureza.

SEGUNDO SENTINELA – E é os dois, Seu Mestre da Guarda, ...

CORNISO – ... que o senhor sabe. Eu sabia que sua resposta seria essa. Bem, quanto à sua bela aparência, senhor, ora, dê graças a Deus, e não fique se gabando disso. Quanto a saber escrever e ler, deixe que isso apareça quando não tem necessidade de se envaidecer. O senhor é tido como o mais desatinado e adequado para ser o Chefe da Guarda; portanto, pegue a lanterna. Esta é a sua obrigação: conter tudo quanto é vagamundo; o senhor vai gritar um “Alto lá!” para todo e qualquer homem, em nome do Príncipe.

SEGUNDO SENTINELA – E se o homem não fizer alto?

CORNISO – Ora, daí então o senhor pode ignorar a criatura, e deixar passar, e em seguida trate de chamar uma reunião com o resto da Guarda, e agradeça a Deus por ter se livrado de um vagabundo.

VINAGRÃO – Se ele não fizer alto quando mandam, não é nenhum dos súditos do Príncipe.

CORNISO – Verdade, e eles não têm nada que se meter com os súditos do Príncipe. Vocês também não podem fazer barulho nas ruas, pois porque para

uma Guarda Real ficar tagarelando e conversando é deveras admissível, e isso não se deve tolerar.

SENTINELA – A gente prefere dormir, mais do que conversar; nós sabemos qual é a função de uma Guarda Real.

CORNISO — Ora, o senhor fala como um sentinela antigo e muito discreto; não vejo como dormir pode ser ofensivo. Apenas cuidem-se para que não lhe venham roubar as alabardas. Bem, vocês devem visitar todas as tabernas, e mandar os bêbados ir tratando de ir para a cama.

SENTINELA – E se eles não quiserem?

CORNISO – Ora, daí então é deixar eles em paz até que passe a bebedeira. Se eles não vierem para os senhores com uma boa resposta, sempre podem dizer a eles que não são os homens que vocês pensavam que eles fossem.

SENTINELA – Muito bem, senhor seu Mestre.

CORNISO – Se encontrarem um ladrão, podem suspeitar, por força do ofício dos senhores, que ele não é pessoa honesta. E, para esse tipo de homem, quanto menos vocês se meterem com ele, ou mesmo conversarem com ele, ora, melhor para o bom nome de vocês.

SENTINELA – Se sabemos que ele é um ladrão, não devemos pôr as mãos nele?

CORNISO – Certamente, pelo ofício dos senhores, é o que vocês podem fazer, mas eu acredito que aqueles que pegam no piche ficam sujos. O jeito mais pacífico para os senhores, se prenderem um ladrão, é deixar ele mesmo mostrar quem é: ele vai roubar dos senhores a oportunidade de prendê-lo.

VINAGRÃO – Sempre disseram que o senhor é um homem misericordioso, colega.

CORNISO – Certamente, eu não enforcava nem um cachorro se fosse pela minha vontade, muito mais um homem que tenha em si um pinga de honestidade.

VINAGRÃO – Se os senhores ouvirem uma criança chorando no meio da noite, devem chamar a ama e mandar que ela aquiete o neném.

SENTINELA – E se a ama está dormindo e não nos escuta?

CORNISO – Ora, daí então é partir em paz, e deixar que a criança acorde a ama com seu choro, pois a ovelha que não ouve os balidos de seu cordeirinho jamais responderá ao mugido de um bezerro.

VINAGRÃO – Lá isso é bem verdade.

CORNISO – E essas são as suas obrigações. O senhor, Chefe da Guarda, vai fazer o papel da própria pessoa do Príncipe; se o senhor encontrar o Príncipe no meio

da noite, pode gritar-lhe um “Alto lá!”.

VINAGRÃO – Não, por Nossa Senhora, isso eu acho que não pode.

CORNISO – Cinco xelins contra um! Aposto com qualquer homem que conhece os estatutos: ele pode gritar-lhe um “Alto lá!”. Deveras, não sem o Príncipe querer, pois, claro, o sentinela não deve ofender ninguém, e é uma ofensa fazer parar um homem contra a sua vontade.

VINAGRÃO – Por Nossa Senhora, acho que é mesmo.

CORNISO – *Ah, arrá!* Bem, mestres, uma boa noite. No caso de aparecer algum caso de importância, podem me chamar em casa. Obedeçam às recomendações de seus companheiros e às suas próprias, e tenham uma boa noite. Vamos indo, vizinho.

SEGUNDO SENTINELA – Bem, mestres, ouvimos nossas obrigações. Vamos nos sentar aqui no banco da igreja até as duas, e, depois, é todo mundo para a cama.

CORNISO – Ainda uma palavrinha, meus honestos vizinhos. Peço aos senhores que vigiem a porta do Signior Leonato, porque, o casamento sendo amanhã, tem muito rebuliço esta noite. Adeus! E eu vos imploro: fiquem bem vigitentos.

[Saem Corniso e Vinagrão.]

Entram Borracho e Conrado.

BORRACHO – Mas, ora, vejam só: Conrado!

SEGUNDO SENTINELA (à parte) – Silêncio! Não se mexam.

BORRACHO – Conrado, estou te chamando!

CONRADO – Estou aqui, homem, grudado no teu braço.

BORRACHO – Pela Santa Madre Igreja, por isso que meu braço estava me coçando. Pensei que uma sarna tinha me pegado.

CONRADO – Fico te devendo uma resposta para essa. Mas agora continua tua história.

BORRACHO – Pois então chega perto, aqui debaixo deste alpendre, que está caindo esta garoa fininha, e eu, como um legítimo borracho, vou te contar tudinho, tudinho.

SEGUNDO SENTINELA (à parte) – Alguma traição, mestres; fiquem por perto.

BORRACHO – Pois, fica sabendo, recebi de Dom John mil ducados.

CONRADO – Mas será possível que uma cafajestada custe tanto?

BORRACHO – Devias perguntar, pelo contrário, se é possível uma cafajestada ser tão boa; porque, quando os cafajestes ricos precisam dos cafajestes pobres, o

pobre pode cobrar o que bem entende.

CONRADO – Estou admirado!

BORRACHO – Isso mostra que ainda não foste desvirginado. Mas tu sabes que a moda de um gibão, ou de um chapéu, ou de uma capa, não é o mesmo que o homem que segue a moda.

CONRADO – Claro que não; é sua indumentária.

BORRACHO – Estou falando da moda.

CONRADO – Isso; moda é moda.

BORRACHO – Ora, essa! Lá por isso posso dizer que um bobalhão é um bobalhão. Não vês que essa tal moda não passa de um ladrão deformado?

SEGUNDO SENTINELA (*à parte*) – Eu conheço esse tal de Deformado; faz sete anos que ele é um grandessíssimo dum ladrão; anda para lá e para cá como um nobre cavalheiro; o nome dele eu não esqueço.

BORRACHO – Não escutaste alguém falando?

CONRADO – Não, era o catavento no telhado.

BORRACHO – Como eu ia dizendo, não vês que essa tal moda não passa de um ladrão deformado? Não vês com que entusiasmo faz correr o sangue quente dos que têm de catorze a trinta e cinco anos, às vezes vestindo-os como soldados do Faraó numa pintura desbotada, às vezes como os sacerdotes do deus Baal num velho vitral de igreja, às vezes como um Hércules já sem barba de um tapete todo manchado e roído de traça e com uma braguilha tão volumosa quanto sua clava?

CONRADO – Tudo isso eu enxergo, e vejo que a moda sai de moda antes de as roupas ficarem gastas. Mas não és tu mesmo também entusiasmado com a moda, tanto que, como quem troca de camisa, trocaste de história e estás a me falar sobre moda?

BORRACHO – Nem uma coisa, nem outra; mas saiba que esta noite cortejei Margarete, a nobre dama de companhia de Lady Hero, chamando-a de Hero. Debruçou-se ela para mim, da janela do quarto de sua senhora, por mil vezes desejou-me boa-noite... mas estou contando mal esta história. Eu preciso primeiro contar-te como o Príncipe, Cláudio e meu amo, parados e paralisados, informados e enfeitados por meu amo e senhor Dom John, assistiram de longe, do pomar, a esse afável encontro.

CONRADO – E eles pensaram que Margarete fosse Hero?

BORRACHO – Dois deles, sim: o Príncipe e Cláudio, mas o demônio que é meu

amo e senhor sabia que aquela era Margarete. E, em parte por seus falsos juramentos, que primeiro enfeitiçara os outros dois, em parte pela escuridão da noite, que os ludibriou, mas principalmente por minha cafajestada, que confirmou toda calúnia que tenha dito Dom John, retirou-se Cláudio, enfurecido. Jurou que se encontraria com ela como devido, amanhã de manhã, no templo, e ali, diante de todos da congregação, iria envergonhá-la com o que viu à noite, e trataria de mandá-la de volta para casa, sem marido.

SEGUNDO SENTINELA – Nós os detemos, em nome do Príncipe: alto lá!

PRIMEIRO SENTINELA – Chame o honorável Mestre da Guarda; nós aqui retomamos a mais perigosa peça de lascívia de que se tem notícia neste reino de cidadãos.

SEGUNDO SENTINELA – E um deles é um Deformado; eu conheço bem ele, usa um cacho de cabelo comprido.

CONRADO – Mestres, mestres...

PRIMEIRO SENTINELA – Os senhores terão de nos entregar esse Deformado, isso eu lhes asseguro.

CONRADO – Mestres...

SEGUNDO SENTINELA – Não fale nada, nós damos as ordens aqui: vamos obedecer os senhores a nos acompanhar.

BORRACHO – Estamos prestes a provar que somos um lote de belas mercadorias, assim apreendidos e adquiridos por esses homens com o aval de suas alabardas.

CONRADO – Mercadorias reivindicadas e indiciadas, isso eu lhe garanto. Vamos lá, nós obedeceremos aos senhores.

[Saem.]

CENA IV

Nos aposentos de Hero, em casa de Leonato.

Entram Hero e Margarete e Úrsula.

HERO – Minha boa Úrsula, acorda minha prima Beatriz e pede-lhe que se levante.

ÚRSULA – Estou indo, minha senhora.

HERO – E diz-lhe que venha até aqui.

ÚRSULA – Está bem.

[Sai.]

MARGARETE – Verdade: acredito que sua outra gola, aquela em leque, parecia melhor.

HERO – Não, minha boa Meg, eu te peço: vou usar esta.

MARGARETE – Por minha fé, essa não está tão bem, e garanto que sua prima dirá a mesma coisa.

HERO – Minha prima é uma boba, e tu és outra. Esta é a única gola que vou usar.

MARGARETE – Gostei muito da cabeça; está tudo muito bem, o novo penteado e os enfeites, mas o aplique tinha de ser de um castanho um nadinha mais escuro; e o seu vestido é de molde requintado, de fato. Eu vi o vestido da Duquesa de Milão, que todos elogiam tanto.

HERO – Ah, esse não tem o que se iguale, pelo que dizem.

MARGARETE – Por minha fé, é um roupão se comparado ao seu. Brocado de ouro, costurado com fios de ouro, rendilhado com prata, bordado com pérolas, mangas e sobremangas, e saias e sobressaias, armação redonda de ouropel azulado; mas, como molde fino, delicado, gracioso, elegante, o seu vestido vale dez vezes mais.

HERO – Que Deus me dê alegria para usá-lo, pois agora o que sinto é um grande peso no meu peito.

MARGARETE – Logo, logo a senhorita sentirá o peso de um homem sobre o seu peito.

HERO – Mas tu és muito abusada! Não tens vergonha?

MARGARETE – Vergonha de que, senhorita? De falar respeitosamente? Não é respeitável o casamento de um mendigo? Não é respeitável o seu noivo antes do casamento? Acho que a senhorita teria preferido que eu dissesse, com todo o respeito, “um marido”. Mas um mau pensamento não consegue desvirtuar uma frase verdadeira, e eu não ofendi ninguém. Existe alguma ofensa em dizer “sob o peso do marido”? Nenhuma, pelo menos é o que eu penso, falando-se, como estamos, do marido com a sua própria mulher e da mulher com o seu próprio marido. Do contrário, é leve, não pesa. Pergunte à milady Beatriz, que aí vem chegando.

Entra Beatriz.

HERO – Bom dia, prima.

BEATRIZ – Bom dia, minha doce Hero.

HERO – Ora, mas o que está acontecendo, que falas neste tom de quem está

adoentada?

BEATRIZ – A mim me parece que não disponho de nenhum outro tom em que possa falar.

MARGARETE – Mude o tom: é só bater palmas no ritmo de “Luz de Amor.” É música suave, que dispensa o peso de vozes masculinas. A senhorita canta, e eu danço.

BEATRIZ – Sim, a luz do amor é suave no ritmo de quem abre as pernas; e, se o teu marido tem cadelas suficientes, tu verás que a ele não faltarão filhotes.

MARGARETE – Ah, que frase mais bastarda! Renego o que a senhorita disse e esmago com minhas pernas as suas palavras.

BEATRIZ – São quase cinco horas, prima, já devias estar pronta. Por minha fé, estou mesmo adoentada demais... Uôu! Uôu!

MARGARETE – Isso é para chamar falcão, cavalo, ou marido?

BEATRIZ – Isso é o som em que terminam todos eles: falcãoôu, cavaloôu, mariduôu!

MARGARETE – Bem, se a senhorita não está se transformando numa turca renegada, então não se navega mais pela orientação da Estrela Polar.

BEATRIZ – E eu fico me perguntando o que essa louca quer dizer com isso!

MARGARETE – Nada de mais, só que Deus dê a cada um o que desejam seus corações.

HERO – Estas luvas, mandou-me o Conde, e têm um perfume maravilhoso.

BEATRIZ – Estou arrebetada, prima, não sinto cheiro nenhum com este meu nariz entupido.

MARGARETE – Donzela, e arrebetada! Isso é o que eu chamo “pegar um resfriado”.

BEATRIZ – Ah, meu Deus, ajudai-me. Ajudai-me, meu Deus! Desde quando exerces esse ofício de espirituosa?

MARGARETE – Desde que a senhorita largou dele. Não é que o meu senso de humor combina comigo de modo elegante?

BEATRIZ – Não dá para ver direito; tu devias usá-lo em tua touca. Por minha fé, estou doente.

MARGARETE – Tome um pouco desse destilado de *carduus benedictus*, e deite-o sobre o coração; é a única coisa que funciona para enjoos.

HERO – Olha aí, tu a furaste com o cardo.

BEATRIZ – *Benedictus!* Por que *benedictus*? Tu tens um segundo sentido nesse *benedictus*.

MARGARETE – Segundo sentido? Não, por minha fé, não tem segundo sentido nenhum, eu só estava falando de um simples cardo-santo. A senhorita pode pensar talvez que eu penso que a senhorita está apaixonada, mas não, por Nossa Senhora que não. Não sou tão boba a ponto de acreditar em tudo que ouço, e também não fico ouvindo coisas para não pensar no que posso acreditar, nem tampouco poderia eu acreditar, se pudesse fazer meu coração acreditar que pode parar de pensar, que a senhorita está apaixonada, ou que vai se apaixonar, ou que possa vir a se apaixonar. E, no entanto, Benedicto era tão outro, e aí está ele, transformado num homem: jurou que jamais se casaria, mas agora, apesar de sua vontade, ele come dos alimentos da vida sem resmungar. E como a senhorita poderia converter-se eu não sei, mas a mim me parece que a senhorita agora tem um olhar em seus olhos que é como o das outras mulheres.

BEATRIZ – Mas a que passo anda essa tua língua?

MARGARETE – A meio galope é que não é.

Entra Úrsula.

ÚRSULA – Senhora, retire-se! O Príncipe, o Conde, o Signior Benedicto, Dom John, e todos os nobres cavalheiros da cidade aqui estão para conduzi-la à igreja.

HERO – Ajudem-me a vestir-me, minha prima querida, minha boa Meg, minha boa Úrsula.

[*Saem.*]

CENA V

Na casa de Leonato.

Entram Leonato, e o Mestre da Guarda (Corniso), e o Chefe da Guarda Local (Vinagrão).

LEONATO – O que queres comigo, meu honrado vizinho?

CORNISO – Realmente, meu senhor, eu gostaria de ter um particular com o senhor, em questão conferente à vossa pessoa.

LEONATO – Sê breve, peço-lhe, pois, como podes ver, este é um dia atribulado para mim.

CORNISO – Realmente, lá isso é, senhor.

VINAGRÃO – Sim, é isso mesmo, senhor.

LEONATO – O que há, meus amigos?

CORNISO – O nosso bom homem Vinagrão aqui, senhor, sabe um pouco por fora do que se trata: um velho, senhor, e ele já não percebe as coisas com tanta imprecisão como, queira Deus, eu gostaria que ele percebesse; mas, por minha fé, honesto como a pele que lhe separa as sobrancelhas.[4](#)

VINAGRÃO – Sim, e agradeço a Deus, sou honesto como qualquer homem vivo que seja homem velho e que não seja mais honesto que eu.

CORNISO – As comparações podem feder: *pocas palabras*, vizinho Vinagrão.

LEONATO – Vizinhos, os senhores são homens monótonos.

CORNISO – É muita bondade de Vossa Senhoria, mas na verdade nós não somos mais que pobres sentinelas do pobre Duque. Mas, certamente, de minha parte, se eu fosse tão monótono como um rei, eu dava um jeito de passar toda minha monotonice por Vossa Senhoria.

LEONATO – Passava toda tua monotonice para mim, hã?

CORNISO – Sim, nem que fosse mil libras a mais, pois ouço as gentes exclamando o senhor, assim como exclamam qualquer homem da cidade, e, mesmo eu sendo um homem pobre, fico feliz de ouvir essas coisas.

VINAGRÃO – E eu também.

LEONATO – E eu ouviria de bom grado o que os senhores têm a dizer.

VINAGRÃO – Deveras, senhor. Vossa Guarda, esta noite, tirante a presença de Vossa Senhoria, deteve uns dois ou três tratantes que andavam por aí vagabundeando como todos em Messina.

CORNISO – Um bom velhinho, senhor, e ele fala muito, e de tudo; como se diz por aí, “Quando a velhice entra por uma porta, o juízo sai pela outra”, que Deus nos ajude. A vida é uma beleza! Bem dito, na verdade, vizinho Vinagrão. Bem, Deus é um homem bom e, quando dois montam no mesmo cavalo, um tem de ir atrás. Uma alma honesta, na verdade, senhor, é o que ele é, por minha fé, honesto como qualquer homem que já se alimentou de pão. Mas Deus deve ser adorado, e todos os homens não são parecidos com os outros; ai de mim!, meu bom vizinho!

LEONATO – Realmente, vizinho, ele fica muito abaixo do senhor.

CORNISO – Deus dá dons a uns e outros.

LEONATO – Devo retirar-me.

CORNISO – Só uma palavrinha, senhor: nossa Guarda, senhor, apreendeu deveras duas auspiciosas pessoas, e gostaríamos de ter eles interrogados ainda esta

manhã diante de Vossa Senhoria.

LEONATO – Faça o interrogatório o senhor mesmo, e depois traga-me um relatório. Estou agora com muita pressa, como o senhor pode ver.

CORNISO – Assim fica mais que suficiente bom.

LEONATO – Tome um pouco de vinho antes de ir. Adeus, e passe bem!

Entra um Mensageiro.

MENSAGEIRO – Milorde, estão à vossa espera, para entregar vossa filha em casamento.

LEONATO – Estou à disposição deles, pois estou pronto.

[Sai, com o Mensageiro.]

CORNISO – Vai, meu bom colega, vai, trata de encontrar Francisco Carvão, pede a ele para ir com pena e tinteiro até a cadeia. Temos que agora preceder ao interrogamento desses homens.

VINAGRÃO – E temos que fazer isso com sabedoria.

CORNISO – Não vamos nos poupar de nossa inteligência, isso eu lhe garanto; eu aqui tenho como deixar eles destrampalhados. Só vai buscar o escrivão que sabe escrever que é para ele fazer a excomunicação do nosso interrogamento, e me encontra na cadeia.

³ À época de Shakespeare, era comum associar as dores de amor com dor de dente. (N.T.)

⁴ Provérbio da língua inglesa na época (começo do séc. XVII). (N. T.)

QUARTO ATO

CENA I

Na igreja.

Entram o Príncipe Dom Pedro, Dom John, o Bastardo, Leonato, Frei Francisco, Cláudio, Benedicto, Hero, Beatriz e Serviçais.

LEONATO – Vamos lá, Frei Francisco, seja breve: apenas a forma simples do casamento, e o senhor deixa para depois discorrer sobre os particulares deveres do matrimônio.

FREI FRANCISCO – O senhor aqui compareceu, milorde, para casar com esta dama?

CLÁUDIO – Não.

LEONATO – “Para contrair matrimônio com esta dama”, Frei; o senhor é quem está aqui para casá-la.

FREI FRANCISCO – Lady Hero, a senhorita aqui compareceu para contrair matrimônio com o Conde Cláudio?

HERO – Sim.

FREI FRANCISCO – Se alguém dentre vós sabe de qualquer impedimento para esta união, eu ordeno que fale agora, pela salvação de sua alma.

CLÁUDIO – Sabe de algum impedimento, Hero?

HERO – Nenhum, meu senhor.

FREI FRANCISCO – Sabe de algum impedimento, Conde Cláudio?

LEONATO – Atrevo-me eu a responder por ele: nenhum.

CLÁUDIO – Ah, a quanto se atrevem os homens! O quanto podem eles fazer! O que fazem eles, diariamente, sem saber que estão fazendo!

BENEDICTO – Mas o que é isso agora? Interjeições? Ora, então que algumas sejam para risadas, por exemplo: *ah, ha, ha, ha!*

CLÁUDIO – Permaneça aqui, Frei, de prontidão. Pai, com sua licença: é o livre e espontâneo desejo de sua alma entregar-me esta donzela, sua filha?

LEONATO – Tão livre, filho, como Deus a entregou a mim.

CLÁUDIO – E o que devo eu oferecer-lhe em troca de tão rico e precioso presente?

DOM PEDRO – Nada, a não ser que tu a devolvas ao pai.

CLÁUDIO – Meu amado Príncipe, acabastes de me ensinar um nobre modo de agradecimento. Aqui está, Leonato: tome-a de volta. Não oferte essa fruta podre a um amigo; ela não é mais que símbolo e semelhança de uma mulher honrada. Olhem só, como aqui ela enrubesce, como se donzela fosse! Ah, com que autoridade e demonstração de virtude sabe mascarar-se o pecado cheio de astúcia! Pois não é que lhe aparece o sangue nas faces, prova de modéstia, para testemunhar uma simples castidade? Não jurariam vocês, todos que a veem, que ela é donzela, pelos sinais exteriores? Mas não é! Ela conhece o calor de um leito pleno de lascívia. Seu rubor é de culpa, e não de modéstia.

LEONATO – O que o senhor quer dizer com isso, milorde?

CLÁUDIO – Quero dizer que não me caso, pois não vou unir minha alma a uma notória devassa.

LEONATO – Por Deus, milorde, se o senhor mesmo testou-a e venceu-lhe a resistência de sua juventude, e tomou-lhe a virgindade...

CLÁUDIO – Já sei o que o senhor está querendo dizer: se deitei-me com ela, então foi porque ela me aceitou como marido em seus braços, e assim fica diminuído o pecado da antecipação. Não, Leonato. Jamais eu a tentei com uma frase mais abusada; pelo contrário, como se fosse um irmão falando a uma irmã, dei-lhe demonstrações de tímida sinceridade e de um amor decoroso.

HERO – E pareceu-lhe alguma vez que eu fiz diferente?

CLÁUDIO – Para com isso, fingida! Ainda denuncio tua virtude falsa. Você me parece ser como Diana, uma brilhante lua em sua órbita, casta como um botão de flor antes de desabrochar. Mas você é mais intemperada na quentura do sangue que a própria Vênus, ou que aqueles bichos empanturrados que se soltam sem freios em selvagem sensualidade.

HERO – Meu senhor não está passando bem; ele não falaria assim, com tanta falsidade.

LEONATO – Meu amado Príncipe, por que não dizeis vós alguma coisa?

DOM PEDRO – O que poderia eu dizer? Estou aqui, desonrado, envolvido que estive em unir um caro amigo meu a uma cadela qualquer.

LEONATO – Essas palavras: estão sendo pronunciadas, ou sou eu que estou sonhando?

DOM JOHN – Meu senhor, elas estão sendo pronunciadas, e o que dizem é verdade.

BENEDICTO – Isto não se parece em nada com uma boda!

HERO – “Verdade”? Ai, meu Deus!

CLÁUDIO – Leonato: não estou eu aqui à sua frente? Não é este o Príncipe? Não é este o irmão do Príncipe? E este, não é o rosto de Hero? Não são nossos os nossos olhos?

LEONATO – Sim, tudo isso é assim mesmo, mas qual o sentido disso tudo, milorde?

CLÁUDIO – Deixe-me fazer uma só pergunta à sua filha, e o senhor, dada sua autoridade paterna e ascendência natural sobre ela, peça-lhe que me responda com a verdade.

LEONATO – Ordeno-te que assim o faças, posto que és minha filha.

HERO – Ó Deus, defendei-me, que estou sendo atacada! Que nome o senhor dá a essa espécie de interrogatório?

CLÁUDIO – Quero que responda com a verdade: a senhorita responde a que nome?

HERO – E não é Hero? Quem é que pode manchar esse nome com uma censura justa?

CLÁUDIO – Mas sim, quem pode fazer isso é Hero; o próprio nome Hero pode manchar a virtude de Hero. Que homem foi aquele com quem você conversou noite passada, à sua janela, entre meia-noite e uma hora? Agora, se você é donzela, responda a isso.

HERO – Não conversei com nenhum homem a essa hora, milorde.

DOM PEDRO – Mas então a senhorita não é donzela. Leonato, sinto muito que você tenha de ouvir isto: por minha honra, eu mesmo, meu irmão e este consternado Conde vimos sua filha, ouvimos sua filha, àquela hora da noite passada, à janela de seu quarto de dormir, conversando com um rufião qualquer que, ainda por cima, bem como um canalha e um indecente, confessou os vis encontros que tiveram os dois mil vezes em segredo.

DOM JOHN – Que vergonha! Basta, milorde, que a essas coisas não se devem dar nomes, nem tampouco devem ser mencionadas. Não é pudica o suficiente a nossa língua para falar-se dessas coisas sem ofender. Assim sendo, formosa senhorita, fico condoído com o seu total desgoverno.

CLÁUDIO – Ah, Hero! Teu nome⁵ personifica o amor leal. Se ao menos metade de tua beleza exterior estivesse colocada em teus pensamentos e nos conselhos de teu coração! Mas desejo o teu bem, tu que és tão linda e tão imunda. Adeus,

pura impiedade e impiedosa pureza! Por tua causa, tranco todas as portas ao amor. Que em minhas pálpebras perdurem as suspeitas que transformam toda e qualquer beleza em pensamentos danosos, impedindo-a de mostrar-se graciosa.

LEONATO – Por favor, um homem que tenha a ponta de uma adaga para mim!

Hero desmaia.

BEATRIZ – Ora, mas o que é isso, prima? Por que caíste assim?

DOM JOHN – Vamo-nos embora daqui. Essas coisas, quando trazidas à luz desse modo, asfixiam o espírito.

Saem Dom Pedro, Dom John e Cláudio.

BENEDICTO – Como está passando Lady Hero?

BEATRIZ – Morta, acho eu. Socorro, meu tio! Hero! Vamos lá, Hero! Tio! Signior Benedicto! Frei!

LEONATO – Ó Destino, não retires tua mão pesada de sobre minha filha! A morte seria a mais bela cobertura que se poderia desejar para uma vergonha dessas.

BEATRIZ – Estás melhor, prima Hero?

FREI FRANCISCO – Alivie-se de sua dor, Lady Hero.

LEONATO – Estás abrindo os olhos?

FREI FRANCISCO – Mas sim, e por que ela não abriria os olhos?

LEONATO – Por quê? Ora, não estão as coisas todas terrenas gritando-lhe sua desonra? Pode ela aqui negar a história que está gravada no sangue que lhe corre nas faces? Não vivas, Hero, não abras teus olhos, porque, se eu pensasse que tu não morrerias logo, acreditasse eu que teu espírito pudesse ser mais forte que tua vergonha, atentaria eu mesmo contra tua vida, arrematando todas as repreensões. Sofri eu, por ter gerado um único rebento? Queixei-me da disposição frugal da Natureza? Ah, tive só a ti, e já foi demais! Por que tive só um? Por que foste sempre encantadora aos meus olhos? Por que não tomei eu com mãos caridosas a filha de uma mendiga à minha porta? Tivesse uma tal filha se enlameado, assim manchada de infâmias, eu poderia dizer: “Não tenho parte nisso; essa vergonha foi gerada por outras e desconhecidas carnes”. Mas, sendo minha, e por ser minha, eu a amei e, sendo minha, eu a elogiava e, já que era minha, dela eu me sentia orgulhoso... era tão minha que eu mesmo, para mim próprio, eu não era meu, de tanto que eu a valorizava... e ela, ah, ela aí está, caída em fossa de piche; e nem toda a imensidão do mar tem água suficiente para lavar e limpar minha filha, nem sal que chegue para conservar-lhe a carne, corrompida, estragada, decadente.

BENEDICTO – Meu senhor, meu senhor, seja paciente. De minha parte, estou tão envolto em perplexidade que não sei o que dizer.

BEATRIZ – Ah, por minha alma, minha prima foi caluniada!

BENEDICTO – Lady Beatriz, era a senhorita a companheira de cama de Lady Hero na noite passada?

BEATRIZ – Não, na verdade, não, embora, até a noite passada, tivesse eu sido sua companheira de cama nestes últimos doze meses.

LEONATO – Confirma-se então, confirma-se! Ah, torna-se ainda mais estreito o que antes já estava cercado por barras de ferro. Por que mentiriam os dois príncipes? E Cláudio, que a amava tanto e que, ao falar de sua falsidade, regou as próprias palavras com lágrimas? Afastemo-nos dela, deixem-na morrer!

FREI FRANCISCO – Escute-me um momento. Quedei-me calado tempo demais, deixando a sorte tomar este curso, portanto observava a dama. Notei mais de mil rubores tomando-lhe conta das faces, mais de mil pudores inocentes em palidez angelical afugentando esses calores, e em seu olhar surgiu um fogo, fogueira pronta a queimar os falsos por esses príncipes levantados contra a sua verdade virginal. Podem me chamar de louco; não confiem mais em meus estudos, nem em minhas observações que, com a marca da experiência, garantem o conteúdo do meu saber; não confiem mais em minha idade, em minha dignidade, minha vocação, nem mesmo na natureza divina de meu sacerdócio, se esta doce senhorita que aqui jaz não está inocente, vítima que é de um erro medonho.

LEONATO – Frei, não pode ser. Tu mesmo vês que toda a graça divina que nela ainda resta é o fato de ela não haver acrescentado à sua danação um pecado de perjúrio: ela não nega nada. Por que procuras tu então encobrir com desculpas o que aparece em sua própria nudez?

FREI FRANCISCO – Lady Hero, que homem é esse por quem a estão acusando?

HERO – Os que me acusam conhecem esse homem; eu não. Se eu conheço um homem vivo mais do que me permite minha modéstia de virgem, então que todos os meus pecados fiquem sem perdão! Ah, meu pai, se o senhor conseguir provar que conversei com algum homem em horas impróprias, ou que na noite passada troquei palavras com alguma criatura que seja, então o senhor pode me renegar, odiar-me, e mesmo torturar-me até a morte.

FREI FRANCISCO – Os príncipes encontram-se presas de algum engano muito estranho.

BENEDICTO – Dois deles são a honra em pessoa; e, se suas inteligências foram

manipuladas nesta questão, uma fraude dessas foi urdida na pessoa de Dom John, o Bastardo. Nele, o vigor da alma é empregado em idear vilanias.

LEONATO – Não sei. Se o que falam dela for verdade, estas mãos hão de fazê-la em pedaços; se injuriaram-lhe a honra, o mais altivo deles terá de se haver comigo. O tempo ainda não fez secar a tal ponto o meu sangue, nem a idade engoliu a tal ponto minhas habilidades estratégicas, nem os acasos da vida devastaram a tal ponto os meus recursos, nem minhas atitudes infelizes privaram-me de tantos amigos que eu não possa, incitado desse modo, amealhar força nos braços e astúcia na mente, juntar os meios necessários e os amigos certos, para descartar-me deles de modo exemplar.

FREI FRANCISCO – Pare por um momento, e deixe que os meus conselhos o orientem neste caso. A sua filha, que os príncipes aqui deixaram como morta, mantenha-a escondida por algum tempo, e faça a todos saber que ela está realmente morta. Crie uma fachada de luto e, no velho jazigo de sua família, pendure epitáfios, poemas doloridos, e cumpra com todos os rituais que condizem com um enterro.

LEONATO – E o que irá resultar disso? De que adianta?

FREI FRANCISCO – Ora, uma coisa assim, bem conduzida, irá, em benefício dela, transformar a calúnia em remorso. Já é alguma coisa. Mas não é em prol disso que sonho eu com andamento assim estranho para este caso; nessas dores, procuro o nascimento de algo maior. Havendo ela morrido, como deve ser afirmado, todos que receberem a notícia irão lamentar, sentir pena e desculpar o sucedido pelo qual ela foi acusada. É sabido que não valorizamos suficientemente aquilo que temos enquanto daquilo desfrutamos; mas, se nos falta ou o perdemos, então, claro, exageramos-lhe o valor e descobrimos-lhe as qualidades antes ocultas pela posse de quando aquilo ainda era nosso. Assim acontecerá com Cláudio: quando ele ouvir falar que ela morreu ao som de suas palavras, a ideia de Lady Hero em vida irá se imiscuir docemente nas figuras de sua imaginação, e cada adorável pedacinho de sua beleza aparecerá enfeitado, a cada vez, com mais e maior preciosidade, com mais comovente delicadeza, ainda mais cheio de vida, aos seus olhos e no cenário de sua alma, do que quando ela estava realmente viva. Então, aí sim, ele ficará enlutado... se é que alguma vez o amor atingiu-lhe o fígado⁶... e desejará jamais tê-la acusado. Sim, e isso apesar de ele acreditar na verdade de sua acusação. Siga os meus conselhos, e não tenha dúvidas de que os acontecimentos moldarão este caso numa forma ainda melhor do que tudo que eu possa lhe prever como

possibilidade. Mas, se tudo o mais der errado e nosso alvo não for atingido, a suposta morte da dama sufocará o infame espanto de todos. Se tudo não correr bem, o senhor sempre pode mantê-la escondida, como convém à ferida reputação de sua filha: em vida reclusa e religiosa, longe dos olhos, línguas, mentes e injúrias de todos.

BENEDICTO – Signior Leonato, deixe que Frei Francisco o aconselhe. E, muito embora o senhor saiba que, por laços de amor e intimidade, sou muito ligado ao Príncipe e a Cláudio, ainda assim, por minha honra, eu me conduzirei neste caso com tanto sigilo e correção como devem conduzir-se, um com o outro, alma e corpo.

LEONATO – Dado que me encontro boiando em sofrimento, agarro-me a qualquer barbante que me conduza na correnteza.

FREI FRANCISCO – O senhor faz muito bem em aprovar. Agora, todos andando. Para estranhos males, estranhos remédios. Vamos, Lady Hero, morra para viver. Quem sabe este casamento não está apenas adiado? Tenha paciência e persevere.

Saem todos, menos Benedicto e Beatriz.

BENEDICTO – Lady Beatriz, a senhorita chorou este tempo todo?

BEATRIZ – Sim, e ainda vou chorar um pouco mais.

BENEDICTO – Não desejo uma coisa dessas.

BEATRIZ – Não tem por quê, o senhor desejar ou não; meu choro é espontâneo.

BENEDICTO – O certo é que eu acredito que sua bela prima foi falsamente acusada.

BEATRIZ – Ah, quanto não mereceria de minha parte o homem que retificasse essa situação!

BENEDICTO – Existe alguma maneira de demonstrar uma amizade dessas?

BEATRIZ – Maneira existe, mas, um amigo desses, não.

BENEDICTO – Poderia um homem demonstrar que sim?

BEATRIZ – É serviço para um homem, mas não para o senhor.

BENEDICTO – Nada no mundo amo tanto quanto a senhorita; não é estranho?

BEATRIZ – Tão estranho quanto tudo que não conheço. Eu também, poderia dizer que amo coisa nenhuma tanto quanto amo o senhor; mas não me acredite. E, no entanto, não estou mentindo. Não confesso coisa nenhuma; tampouco nego coisa nenhuma. Sinto-me desconsolada por minha prima.

BENEDICTO – Por minha espada, Beatriz, tu me amas.

BEATRIZ – Não jure; antes, engula a sua espada.

BENEDICTO – Juro por minha espada que você me ama, e terá de engolir o que disse quem disser que não a amo.

BEATRIZ – O senhor não vai engolir o que disse?

BENEDICTO – Nem com o melhor dos molhos. Estou declarando que te amo.

BEATRIZ – Ora, mas então... Deus que me perdoe.

BENEDICTO – De que pecado, doce Beatriz?

BEATRIZ – Você me interrompeu em boa hora; eu estava prestes a lhe declarar meu amor.

BENEDICTO – Pois declare, com todo o seu coração.

BEATRIZ – Eu te amo com tanto do meu coração que não me sobra coração para declarar coisa nenhuma.

BENEDICTO – Diz-me o que posso fazer por ti.

BEATRIZ – Matar Cláudio!

BENEDICTO – Isso? Por nada neste mundo!

BEATRIZ – Você me mata com essa sua recusa. Adeus.

BENEDICTO – Espera, doce Beatriz.

BEATRIZ – Estou indo, embora esteja aqui; você não me tem amor. Não; eu lhe peço: deixe-me ir.

BENEDICTO – Beatriz...

BEATRIZ – De verdade, estou indo.

BENEDICTO – Antes, ficaremos amigos.

BEATRIZ – O senhor pensa que é mais fácil ser meu amigo do que lutar contra o meu inimigo.

BENEDICTO – É Cláudio teu inimigo?

BEATRIZ – E não é um confirmado e rematado vilão o homem que caluniou, rejeitou, desonrou minha parente? Ah, se eu fosse homem! Conduzindo-a pela mão, falsamente, até o momento de andarem de mãos dadas, para então, em acusação pública, numa infâmia revelada nua e crua, num rancor desenfreado... Ah, Deus, se eu fosse homem! Comia-lhe o coração em praça pública.

BENEDICTO – Ouça-me, Beatriz...

BEATRIZ – Conversando com um homem de sua janela! Muito bem contado!

BENEDICTO – Sim, mas, Beatriz...

BEATRIZ – A doce Hero! Que infâmia, que calúnia, que desfeita!

BENEDICTO – Beat...

BEATRIZ – Príncipes e condes! Sem dúvida, um testemunho principesco, um belo conde inventando um belo conto, esse Conde Confeito, um doce galanteador, sem dúvida! Ah, se eu fosse homem, seria por causa dele; ou se pelo menos eu tivesse um amigo que fosse homem por minha causa! Mas a virilidade derrete-se em cortesias e reverências, o valor em cumprimentos, e os homens são tão somente o que dizem suas línguas, e essas ainda por cima são curtas e enfeitadas. E um homem pode ser tão valente como Hércules: basta contar uma mentira e jurar que é verdade. Não vou virar homem só porque quero, então vou morrer mulher porque soffro.

BENEDICTO – Espera, bondosa Beatriz. Por esta mão, eu te amo.

BEATRIZ – Use-a por meu amor de um outro modo que não jurar por ela.

BENEDICTO – Você acredita, do fundo de sua alma, que o Conde Cláudio difamou Hero?

BEATRIZ – Sim, tão certo como é certo que tenho meus pensamentos e minha alma.

BENEDICTO – É suficiente! Comprometo-me a desafiá-lo. Beijo tua mão e vou me retirando. Por esta mão, Cláudio terá de se explicar comigo, e muito bem explicado. À medida que ouvires falar de mim, pensa também em mim. Vai, consola tua prima; quanto a mim, devo dizer que ela está morta. Então, adeus.

[Saem.]

CENA II

Uma prisão.

Entram os Chefes da Guarda, Corniso e Vinagrão, e o Sacristão, paramentado como Escrivão, mais Borracho, Conrado e o Sentinela.

CORNISO – Apareceram todos os de nossa dissembleia?

VINAGRÃO – Ei, um banquinho e almofada para o sacristão!

SACRISTÃO – Quem são os contraventores?

CORNISO – Deveras, isso sou eu e meu colega.

VINAGRÃO – Sim, isso é certo; nós temos a desautorização para examinar.

SACRISTÃO – Mas quem são os malfeitores que devem ser examinados? Que compareçam diante do Mestre da Guarda.

CORNISO – Sim, deveras, que compareçam diante de mim. Qual o seu nome, amigo?

BORRACHO – Borracho.

CORNISO – Eu lhe peço, escreva aqui: “Borracho”. E você, meu camaradinha?

CONRADO – Eu sou um fidalgo, senhor, e meu nome é Conrado.

CORNISO – Escreva “Mestre Fidalgo Conrado”. Mestres, os senhores são servos de Deus?

CONRADO e BORRACHO – Sim, senhor, esperamos que sim.

CORNISO – Escreva aqui que eles esperam ser servos de Deus; e escreva “Deus” em primeiro lugar, pois, Deus o livre, mas Deus tem que vir antes de tais vilões! Mestres, já está provado que os senhores são pouca coisa melhor que falsos vagabundos, e daqui a pouco já vamos chegar perto de todos pensarem assim. O que têm a dizer os senhores em sua defesa?

CONRADO – Realmente, senhor, dizemos que não somos nada disso.

CORNISO – Um camarada muito, mas muito espertinho, isso eu lhe seguro, mas deixe comigo, que eu sei lidar com esse tipo. Venha cá, camaradinha, que quero lhe falar ao pé do ouvido, senhor: eu lhe digo que se pensa que os senhores são dois falsos vagabundos.

BORRACHO – Senhor, eu posso lhe afirmar que não somos nada disso.

CORNISO – Bem, afaste-se. Por Deus, os dois combinaram a mesma história. O senhor escreveu que eles não são nada disso?

SACRISTÃO – Mestre da Guarda, o senhor não está seguindo o modo de examinar. O senhor precisa chamar os sentinelas que são os acusadores dos dois.

CORNISO – Sim, deveras, esse é o modo mais recompetente. Que os sentinelas se apresentem. Mestres, eu ordeno, em nome do Príncipe, que os senhores acusem esses dois.

PRIMEIRO SENTINELA – Este homem disse, senhor, que Dom John, o irmão do Príncipe, era um cafajeste.

CORNISO – Escreva aí: “Príncipe John, um cafajeste”. Ora, mas isso é a mais pura calúnia, chamar o irmão de um príncipe de cafajeste.

BORRACHO – Mestre da Guarda...

CORNISO – Eu lhe peço, camarada, fique quieto. Eu não gosto da sua cara, já vou lhe prevenindo.

SACRISTÃO – O que mais o senhor ouviu ele falar?

SEGUNDO SENTINELA – De fato, ouvi que ele tinha recebido mil ducados de Dom John para acusar Lady Hero falsamente.

CORNISO – O mais puro arrombamento já cometido.

VINAGRÃO – É mesmo. Pela Santa Igreja, é isso mesmo.

SACRISTÃO – O que mais, meu amigo?

PRIMEIRO SENTINELA – Que o Conde Cláudio pretendia, por meio de suas palavras, desgraçar Hero diante de toda a congregação, em vez de se casar com ela.

CORNISO – Ah, canalha! Por isso tu serás condenado à redenção eterna.

SACRISTÃO – O que mais?

SENTINELA – Isso é tudo.

SACRISTÃO – E isto é mais, caros mestres, do que os senhores podem negar: esta manhã, o Príncipe John partiu sem avisar a ninguém. Hero foi acusada dessa maneira; nessa mesma maneira, foi rejeitada e, de tanto sofrimento, teve morte súbita. Mestre da Guarda, permita que esses homens sejam amarrados e levados até Leonato. Eu irei na frente, e ao Signior Leonato mostrarei o resultado do interrogatório.

[Sai.]

CORNISO – Vamos, enferrolhando os dois.

VINAGRÃO – Vamos tratar de lhes amarrar as mãos...

CONRADO – Passa fora, toleirão!

CORNISO – Que Deus me guarde, onde está o sacristão? Que ele escreva aí: “Toleirão o oficial do Príncipe”. Vamos, amarrem os dois juntos. Lacaio sujo! Seu podre!

CONRADO – Afastem-se! Você é um burro, um burro!

CORNISO – E o senhor, não desconfia quem sou eu, e quantos anos atrás de mim tenho eu? Eu escuto; não vê minhas orelhas? Ah, precisava o sacristão estar aqui, para registrar um burro. Mas, mestres, lembrem-se: sou um burro; apesar de não estar registrado. Não se esqueçam disso não, sou um burro. Não, seu canalha, tu estás cheio de repentimento, como ficará provado contra ti, com boas testemunhas. Eu sou um camarada inteligente e, o que é mais, um oficial e, o que é mais, um chefe de família e, o que é mais, um belo filho de Adão e Eva como qualquer outro em Messina, e conheço a lei, e o senhor ponha-se no seu lugar; e sou um cidadão de posses, e o senhor ponha-se no seu lugar; e sou um camarada

que tive perdas, e tenho dois trajos completos e tudo do que há de mais elegante. Tirem esse sujeito daqui! Ah, se tivesse ficado registrado eu um burro!

[Saem.]

⁵ Hero e Leandro são os protagonistas de uma clássica história de amor e fidelidade. Para ver sua amada, Leandro nadava toda noite até ela. Numa noite ele se afoga por acidente, e ela então afoga-se para acompanhá-lo na morte. (N.T.)

⁶ Na época elizabetana, acreditava-se estar no fígado a sede do amor. (N. T.)

QUINTO ATO

CENA I

Diante da casa de Leonato.

Entram Leonato e Antônio, seu irmão.

ANTÔNIO – Se continuares assim, vais acabar te matando. Isso porque não é inteligente alguém reforçar a tristeza contra si mesmo.

LEONATO – Eu te peço, chega de conselhos, pois eles caem em meus ouvidos tão inúteis como a água numa peneira. Não me dê conselhos, nem permita que consoladores outros venham me agradar os ouvidos, exceto se for alguém cujos agravos sejam comparáveis aos meus. Arranja-me um pai que amou tanto quanto eu a uma filha, motivo de seu orgulho e sua alegria, agora dominado por dor como esta minha, e pede a ele que me fale de paciência. Que a desgraça dele venha medir o comprimento e a largura da minha, e que se correspondam, o meu cansaço e o dele; que se possa ver um tanto cá e um tanto lá, um pesar tão importante nele quanto em mim, em cada feição, em cada ruga, na forma e no formato. Se esse sujeito sorrir e alisar a barba, despachar a tristeza, com um “*Hãrrã*” limpar a garganta em vez de gemer de dor, usar provérbios como curativos para o luto, embebedar o infortúnio com filosofices de livros, vê que ele venha até mim e já, que eu dele vou coletar paciência. Mas acontece que tal homem não existe, porque, meu irmão, os homens sabem aconselhar e consolar quando a dor é aquela que eles próprios não sentem. É só provar de uma dor assim, e transfiguram-se em fúria os mesmos conselhos que antes receitavam preceitos contra a raiva, amarravam a loucura galopante com delicados fios de seda, enganavam feridas com a voz e a agonia com palavras. Claro, claro, é obrigação de todo homem pedir paciência àqueles que se contorcem sob o peso da tristeza, mas não existe em homem algum nem a virtude nem a capacidade de ser tão moral assim quando é ele quem tem de suportar o mesmo fardo. Portanto, não me dê conselhos; meu desalento grita mais alto que tuas censuras.

ANTÔNIO – Desse jeito, não se distingue homem de criança.

LEONATO – Peço-te, deixa-me em paz. Sou apenas carne e sangue, e não nasceu ainda o filósofo que saiba suportar com paciência uma dor de dente, por mais que eles escrevam no estilo dos deuses e contestem o acaso ou zombem da agonia.

ANTÔNIO – Não te curves sozinho sob toda essa injustiça; faz sofrer também aqueles que te ofendem.

LEONATO – Agora sim, falas com a razão, e, sim, eu farei isso. Meu coração me diz que Hero foi caluniada; e isso Cláudio precisa saber, e também o Príncipe, e todos os que a desonraram.

Entram o Príncipe Dom Pedro e Cláudio.

ANTÔNIO – Aí vêm o Príncipe e Cláudio, apressados.

DOM PEDRO – Bom dia, bom dia, com a ajuda de Deus.

CLÁUDIO – Bom dia aos dois.

LEONATO – Escutai-me, senhores...

DOM PEDRO – Nós temos pressa, Leonato.

LEONATO – Pressa, milorde? Ora, pois, passar bem, milorde! Tendes tanta pressa assim, agora? Bem, tudo é a mesma coisa.

DOM PEDRO – Não, não puxe briga conosco, meu bom velho.

ANTÔNIO – Pudesse ele limpar seu nome com uma briga, alguns de nós estariam agora no chão.

CLÁUDIO – Quem lhe sujou o nome?

LEONATO – Mas, deveras, tu me sujaste o nome, tu, seu hipócrita, tu, seu dissimulado! Mas não, não leves a mão à espada; não tenho medo de ti.

CLÁUDIO – Deveras! Maldita seria a minha mão se causasse medo à sua velhice. Dou-lhe minha palavra: minha mão teve um gesto que nada disse à minha espada.

LEONATO – Ora, ora, homem! Não me venhas com palhaçadas, nem queiras zombar de mim! As minhas não são palavras de um velho caduco, nem de um inconsequente, que, acobertado pelos privilégios da idade, fosse gabar-se de seus feitos quando jovem ou daquilo que faria se não fosse velho. Saibas, Cláudio, e isto eu digo na tua cara, que tu difamaste a ela, minha inocente filha, e a mim, a tal ponto que sou obrigado a deixar de lado o respeito e a reverência e, com os cabelos grisalhos e os machucados do tempo, desafio-te a provar que és homem. Digo que caluniaste minha inocente filha. Tuas palavras infames atravessaram-lhe o coração, e ela está enterrada com seus ancestrais... ah!, em sepultura onde jamais descansou escândalo algum, exceto este, o dela, inventado por tua vilania!

CLÁUDIO – Minha vilania?

LEONATO – Tua, Cláudio, tua sim, é o que estou dizendo.

DOM PEDRO – O que o senhor diz não está certo, meu velho.

LEONATO – Milorde, milorde, eu posso deixar prova disso no corpo dele, se ele para tanto tiver coragem, apesar de ser ele ágil esgrimista, ativo nessa prática, na primavera de sua existência, no vigor máximo de sua força.

CLÁUDIO – Para trás! Desejo não ter nada a ver com o senhor.

LEONATO – Será que podes mesmo afastar-me de ti? Mataste minha filha; se me matares, moleque, terás matado um homem.

ANTÔNIO – Terá matado dois de nós, e homens de verdade. Mas isso não vem ao caso, deixa que ele mate um, primeiro. Ele que me derrote, se quiser me ganhar; deixa que ele responda ao *meu* desafio. Vamos, me acompanha, moleque; vamos, senhor guri, vamos e me acompanha, senhor guri, e eu te arranco dessa tua espada; sim, como sou um cavalheiro, é o que vou fazer.

LEONATO – Meu irmão, ...

ANTÔNIO – Conformate, irmão. Deus sabe que eu amava minha sobrinha, e ela está morta, difamada até a morte por vilões, e eles que tenham coragem, sim, para responder ao desafio de um homem, assim como eu tenho a coragem de pegar uma víbora pela língua. Moleques, macacos, farrombeiros, safados, maricas.

LEONATO – Meu irmão Antônio, ...

ANTÔNIO – Fica tu conformado. Ora, homem! Eu os conheço, sim, e sei o que valem, até os últimos escrúpulos: gostam de comprar briga, desafiadores, moleques vestidos como se fossem grande coisa, que mentem, e trapaceiam, e insultam, difamam e caluniam, agem como bufões grotescos, arrotando o que nunca comeram, e berram meia dúzia de palavras temerárias, de como poderiam ferir seus inimigos, se ousassem, e isso é tudo.

LEONATO – Mas, meu irmão Antônio, ...

ANTÔNIO – Vamos, isto não é assunto teu. Não te metas, deixa-me lidar com este caso.

DOM PEDRO – Cavalheiros, nós não queremos excitar-lhes a paciência. Meu coração lamenta a morte de sua filha; mas o senhor tem minha palavra de honra que ela não foi acusada de nada que não a verdade, e tudo devidamente comprovado.

LEONATO – Milorde, milorde, ...

DOM PEDRO – Não quero ouvir o que tem a dizer.

LEONATO – Não? Vem, irmão, vamo-nos embora! Haverão de me ouvir.

ANTÔNIO – E ouvirão, sim, ou alguns de nós pagaremos caro por isso.

[Saem Leonato e Antônio.]

Entra Benedicto.

DOM PEDRO – Vejam, vejam! Aí vem o homem que estávamos procurando.

CLÁUDIO – Mas, então, signior, quais as novas?

BENEDICTO – Bom dia, milorde.

DOM PEDRO – Bem-vindo, signior; você quase chega a tempo de apartar uma quase briga.

CLÁUDIO – Ia ser boa, esta: levarmos um puxão de orelhas de dois velhos desdentados.

DOM PEDRO – Leonato e o irmão. O que achas disso? Tivéssemos nós brigado, receio que teríamos sido jovens demais para eles.

BENEDICTO – Não há valor verdadeiro em briga falsa. Vim procurar-vos, aos dois.

CLÁUDIO – Estivemos para cima e para baixo procurando por ti, pois estamos tomados de um alto teor de melancolia, e gostaríamos de tê-la abatida. Podes usar tua agudeza de espírito?

BENEDICTO – Ela está aqui na minha cintura; devo desembainhá-la?

DOM PEDRO – Carregas tua agudeza de espírito assim de lado?

CLÁUDIO – Nunca ninguém fez isso, embora muitos e muitos troquem de lado, mostrando sua pobreza de espírito. Eu te peço: empunha tua agudeza, como os menestrelis empunham seus instrumentos; para nos divertir.

DOM PEDRO – Tão certo como eu ser um homem honesto, esse homem está pálido. Estás doente, ou irado?

CLÁUDIO – Ora, coragem, homem! Se um burro morreu de tanto pensar, tu tens em ti tantos pensamentos vigorosos que podes matar a burrice alheia.

BENEDICTO – Pois, senhor, eu incentivo sua agudeza de espírito, e derrubo-a logo na largada, se o senhor quiser apostar corrida comigo. Peço-lhe: escolha outro assunto.

CLÁUDIO – Ora, mas então! Deem outra lança ao homem; essa última veio atravessada e quebrou-se.

DOM PEDRO – Pela luz que nos alumia, ele se transforma a cada minuto. Penso que está realmente irado.

CLÁUDIO – Se está irado mesmo, ele sabe como arregaçar as mangas; se não, que se acomode.

BENEDICTO – Permite-me uma palavrinha ao pé do ouvido?

CLÁUDIO – Que Deus me livre de um desafio!

BENEDICTO (*à parte, dirigindo-se a Cláudio*) – Você é um canalha. Não estou de brincadeiras. Mantenho como boas as minhas palavras, e o senhor está desafiado como, quando e com que armas quiser. Aceite o meu desafio, ou eu o denuncio por covardia. O senhor matou uma doce dama, e essa morte cairá pesada sobre a sua cabeça. Fico aguardando uma resposta sua.

CLÁUDIO – Pois bem, eu irei ao seu encontro, que é para poder me divertir.

DOM PEDRO – O quê? Banquete? Um banquete?

CLÁUDIO – Por minha fé, sou grato a ele: convidou-me a saborear cabeça de jumento e franguinho capão. Se eu não trincar essas iguarias com precisão, podeis dizer que minha faca não é de nada. Será que não vou encontrar também um bom pato?

BENEDICTO – Senhor, a sua agudeza de espírito vai num bom esquipado; anda com facilidade a passo lento.

DOM PEDRO – Vou te dizer como Beatriz outro dia elogiou tua inteligência. Eu disse que tu tinhas uma fina inteligência. “Verdade”, disse ela, “fina e pequena”. “Não”, disse eu, “ele tem uma grande cabeça”. “Certo”, me diz ela, “grande e grossa”. “Não”, disse eu, “uma cabeça muito boa”. “Exato”, disse ela, “não machuca ninguém”. “Não”, disse eu, “o cavalheiro é esperto”. “Sem dúvida”, disse ela, “um espertalhão”. “Não”, disse eu, “ele fala muitas línguas”. “Isso eu sei”, disse ela, “porque ele me jurou uma coisa na segunda-feira à noite, e abjurou a mesma coisa na terça-feira de manhã; eis aí um modo duplo de falar; eis aí duas línguas”. E assim ela fez. Por quase uma hora, transformando tuas particulares virtudes. E assim mesmo, por fim ela concluiu tudo com um suspiro: tu eras o melhor homem da Itália.

CLÁUDIO – Pelo que ela chorou copiosamente e disse que a isso não dava a mínima importância.

DOM PEDRO – Sim, isso ela fez; e, no entanto, por tudo isso, e se ela não o detestasse de todo o coração, ela o amaria até a morte; a filha do velho nos contou tudo.

CLÁUDIO – Tudo e mais um pouco; e, além disso, Deus o viu quando ele se escondeu no jardim.

DOM PEDRO – Mas quando é mesmo que vamos pôr os chifres de um touro selvagem na sensata cabeça de Benedicto?

CLÁUDIO – Isso. E o texto, escrito embaixo: “Aqui mora Benedicto, o casado”?

BENEDICTO – Passe muito bem, rapaz, que você sabe o que penso. Eu vos deixo agora com vossas piadas de intrigantes. Estais brandindo frases espirituosas como os fanfarrões manejam suas espadas, o que, podemos dar graças a Deus, não machuca ninguém. Milorde, eu vos agradeço por vossos muitos obséquios. Devo retirar-me de vossa companhia. Vosso irmão, o Bastardo, fugiu de Messina. Entre vós, matastes uma doce e inocente dama. Quanto a esse nobre senhor que ainda nem tem barba na cara, ele e eu nos encontraremos; até lá, que a paz o acompanhe.

[Sai.]

DOM PEDRO – Ele está falando sério.

CLÁUDIO – Com a maior seriedade; e, eu vos garanto, por amor a Beatriz.

DOM PEDRO – E ele te desafiou.

CLÁUDIO – Do modo mais correto.

DOM PEDRO – Que beleza não é um homem, quando esquece a inteligência e sai por aí só de calça justa e gibão!

CLÁUDIO – Se comparado a um macaco, é um gigante; mas, comparado a esse homem, qualquer macaco é um sábio.

DOM PEDRO – Mas, deixemos a leveza de lado. (Controle-se, meu coração, e retome a seriedade.) Ele não disse que meu irmão fugiu?

Entram os homens da Guarda: Corniso e Vinagrão, acompanhados do Sentinela, e Conrado e Borracho.

CORNISO – Vamos lá, senhor; se a justiça não conseguir domá-lo, ela nunca mais pesará as medidas da razão em sua balança. É, e uma vez dito que você é um hipócrita blasfemo, você precisa ficar sob vigilância.

DOM PEDRO – Mas o que é isso? Dois dos homens de meu irmão amarrados? E um deles é Borracho?

CLÁUDIO – Informai-vos de seus delitos, milorde.

DOM PEDRO – Guardas, que delitos cometeram esses homens?

CORNISO – Deveras, senhor, eles cometeram informações falsas, além disso falaram inverdades, em segundo lugar são uns difamadores, em sexto lugar e por último caluniaram uma dama, em terceiro lugar verificaram coisas injustas, e

para concluir são uns mentirosos de uns cafajestes.

DOM PEDRO – Em primeiro lugar, eu te pergunto o que eles fizeram; em terceiro lugar, eu te pergunto quais são os delitos deles; em sexto lugar e por último, por que razão eles estão detidos; e, para concluir, de que o senhor os está acusando.

CLÁUDIO – Corretamente raciocinado, e dentro da própria divisão dele. Palavra de honra, eis aí um sentido que se apresenta com toda a elegância.

DOM PEDRO – A quem vocês ofenderam, mestres, para estarem assim, por força amarrados a uma resposta? Este sábio Chefe da Guarda é engenhoso demais para ser compreendido. Que crime os senhores cometeram?

BORRACHO – Meu bondoso Príncipe, fazei com que eu não precise mais dar respostas. Minha resposta é breve. Peço-vos que me escuteis, e deixai o Conde aqui presente matar-me. Enganei até mesmo aos vossos próprios olhos. O que vossas perspicácias não conseguiram descobrir, esses atoleimados trouxeram à luz. No meio da noite, sem querer, ouviram-me confessando a este homem como Dom John vosso irmão incendiou-me a caluniar Lady Hero, como vós os dois fostes levados até o pomar e me avistastes cortejando Margarete vestida com as roupas de Hero, como o senhor desgraçou-a quando deveria tê-la desposado. Minha vilania eles têm registrada por escrito, história que prefiro selar com minha morte a ter de repeti-la para minha vergonha. A dama está morta por causa de falsas acusações, minhas e de meu amo. Em suma, desejo a punição devida a um canalha.

DOM PEDRO – Não te corre esse discurso no sangue como ferro em brasa?

CLÁUDIO – Estive bebendo veneno enquanto ele o pronunciava.

DOM PEDRO – Mas foi o meu irmão quem te mandou fazer isso?

BORRACHO – Sim, e pagou-me regamente pela execução.

DOM PEDRO – Ele é composto e feito de traição e, cometida essa velhacaria, ele foge.

CLÁUDIO – Minha doce Hero! Agora tua imagem aparece-me com a figura que amei logo de início.

CORNISO – Vamos, levem daqui os querelantes. A uma hora destas, nosso sacristão já desinteirou o Signior Leonato sobre esta questão. Mestres, não se esqueçam de especificar, onde houver tempo e quando houver espaço, que sou um burro.

VINAGRÃO – Aí vem, aí vem vindo o Mestre Signior Leonato, e o sacristão também.

Entram Leonato, seu irmão Antônio e o Sacristão.

LEONATO – Qual deles é o canalha? Deixem-me observar-lhe os olhos, para que, quando eu notar outro homem como ele, possa evitá-lo. Qual dos dois é ele?

BORRACHO – Se o senhor deseja conhecer seu malfeitor, olhe para mim.

LEONATO – És tu o escravo que com teus sussurros matou minha inocente filha?

BORRACHO – Sim, eu mesmo, sozinho.

LEONATO – Não, isso não, canalha, que assim calunias a ti mesmo. Eis aqui um par de homens honoráveis... e um terceiro fugiu..., e tem a mão deles nisso. Eu vos agradeço, Príncipes, pela morte de minha filha; registrem-na juntamente com vossos altos e valorosos feitos; foi corajosamente executada, se paramos para pensar.

CLÁUDIO – Não sei como implorar-lhe por sua paciência e, no entanto, preciso falar. Escolha o senhor mesmo a sua vingança, imponha sobre mim qualquer penitência que sua imaginação possa engendrar para o meu pecado; contudo, não pequei senão por um equívoco.

DOM PEDRO – Por minha alma, eu tampouco. Assim mesmo, para satisfazer esse bom velho, eu me curvaria sob qualquer peso que ele me quisesse prescrever.

LEONATO – Não tenho como ordenar-vos que ordene minha filha a viver... isso seria impossível... mas eu vos rogo, aos dois: informai ao povo desta cidade de Messina o quão inocente ela morreu. Se o seu amor pode fabricar algo de triste invenção, pendure-lhe um epitáfio sobre o túmulo, e cante palavras aos seus ossos, cante-as esta noite. Amanhã pela manhã, vinde os dois à minha casa. Já que você não pôde ser meu genro, seja então meu sobrinho. Meu irmão tem uma filha, praticamente cópia de minha filha que está morta, e ela é a única herdeira de nós dois. Dê-lhe o direito que você devia ter dado à prima dela, e assim fica cobrada e quitada minha vingança.

CLÁUDIO – Ah, meu nobre senhor, sua excessiva generosidade traz lágrimas aos meus olhos. De bom grado aceito sua oferta, e o senhor disponha deste pobre Cláudio de agora em diante.

LEONATO – Amanhã, então, aguardo vossa chegada. Por esta noite, retiro-me. Esse sem-vergonha deve ser levado a encontrar-se face a face com Margarete, que, acredito eu, envolveu-se em todo esse equívoco, para tal aliciada por vosso irmão.

BORRACHO – Não, juro por minha alma, ela não estava envolvida, nem sabia o que estava fazendo quando conversou comigo; pelo contrário, sempre foi justa e

virtuosa em tudo quanto sei dela.

CORNISO – Além disso, senhor, coisa que deveras não está preto no branco, este querelante aqui, o ofensor, chamou-me de burro; eu vos peço que isso seja lembrado no castigo dele. E também o guarda ouviu quando eles falaram de um Deformado; disseram que usa uma chave na orelha e o cabelo lhe cai num cacho do lado da orelha, e ele toma dinheiro dos outros em nome de Deus, coisa que ele faz há tanto tempo, e nunca pagou de volta, que agora os homens ficaram de coração duro e não emprestam mais dinheiro nenhum por amor de Deus. Eu vos imploro, interrogai o homem nesse ponto.

LEONATO – Eu te sou grato por esses teus cuidados e por todo o teu honesto esforço.

CORNISO – Vossa Senhoria fala como um jovem reverente e agradecido, e eu agradeço a Deus por isso.

LEONATO – Toma lá, por teu esforço.

CORNISO – Deus salve os donativos!

LEONATO – Agora vai; eu te libero de tomar conta de teu prisioneiro, e sou-te muito obrigado.

CORNISO – Deixo com Vossa Senhoria um notório patife, que peço que Vossa Senhoria mesmo corrija, para exemplo dos outros. Que Deus guarde Vossa Senhoria! Desejo muitas felicidades a Vossa Senhoria. Que Deus vos restitua a vossa saúde! Eu humildemente vos dou licença para sair e, se um feliz encontro pode-se querer, que Deus não permita! Vamos, vizinho.

[Saem Corniso e Vinagrão.]

LEONATO – Até amanhã de manhã, milordes; adeus.

ANTÔNIO – Adeus, milordes; esperaremos por vós amanhã.

DOM PEDRO – Não faltaremos.

CLÁUDIO – Esta noite, hei de chorar meu luto com Hero.

LEONATO (*dirigindo-se ao Sentinela*) – Traga o senhor esses dois camaradas. Vamos ter uma conversa com Margarete: como foi que ela conheceu esse miserável.

CENA II

No jardim de Leonato.

Entram Benedicto e Margarete, vindos de lados diferentes, e encontram-se.

BENEDICTO – Peço-te, gentil Senhorita Margarete, sejas merecedora de minha gratidão, facilitando-me uma conversa com Beatriz.

MARGARETE – O senhor então vai me escrever um soneto em louvor de minha beleza?

BENEDICTO – Em tão alto estilo, Margarete, que nenhum homem vivo lhe chegará perto, pois, a bem da verdade, tu bem o mereces.

MARGARETE – Nenhum homem vivo me chegando perto? Mas por quê? Devo morar para sempre no quartinho dos fundos?

BENEDICTO – Tua esperteza é rápida como a boca de um cão perdigueiro: captura tudo.

MARGARETE – E a tua é obtusa como floretes em aula de esgrima: atinge, mas não fere.

BENEDICTO – Uma esperteza masculina, Margarete, ela não fere as mulheres. E então eu te peço, vai chamar Beatriz. Eu deponho as armas, entrego meu escudo.

MARGARETE – Mas cheguem perto com suas espadas; escudos quem os têm para entregar somos nós.

BENEDICTO – Se for entregar o seu, Margarete, você precisa meter bem no meio o ferro, e com o torno prendê-lo ali, posto que é arma perigosa para donzelas.

MARGARETE – Bem, vou chamar Beatriz para o senhor, que, imagino eu, tem pernas bem torneadas.

[Sai.]

BENEDICTO – E por isso virá até aqui.

[Canta:]

O lindo deus do amor

Em todo o seu esplendor

Sabe quem sou, e sabe quem sou,

E piedade por mim reservou...

quero dizer, como cantor; mas, como amante, ora, nem Leandro, que toda noite nadava por amor, nem Troilo, o que primeiro empregou cafetões, nem um livro inteirinho daqueles antigos e assim chamados comerciantes de tapeçarias para alcovas, cujos nomes ainda hoje deslizam nos caminhos suaves de versos brancos, ora, eles jamais ficaram tão verdadeiramente nervosos como este pobre Benedicto apaixonado e de estômago embrulhado. De fato, essa paixão, não sei cantá-la em versos; já tentei. Não encontro nenhuma rima para “minha dama” que não seja “minha cama”, uma rima nada inocente e em tudo inconveniente;

para “lindo adorno”, “lindo corno”: uma rima impura, uma rima dura; para “instruído”, “obstruído”: uma rima obtusa, muito confusa; todos são finais ominosos por demais! Não, eu é que não nasci sob a influência de um planeta verzejador, nem sei namorar em termos festivos.

Entra Beatriz.

Doce Beatriz, desejaste vir quando mandei chamar por ti?

BEATRIZ – Sim, Signior Benedicto, e partirei quando assim me pedires.

BENEDICTO – Ah, mas então fica até esse momento.

BEATRIZ – “Esse momento” está dito; então, passar bem. E, contudo, antes de ir, deixe-me ir com aquilo para que vim até aqui, ou seja, saber o que se passou entre o senhor e Cláudio.

BENEDICTO – Apenas palavras azedas... e, por isso, agora vou te beijar.

BEATRIZ – Palavras azedas são nada mais que um sopro azedo, e um sopro azedo nada mais é que hálito azedo, e um hálito azedo é fétido; por isso, agora eu me retiro, antes de ser beijada.

BENEDICTO – Tão violenta é tua astúcia que deixaste o termo fora de si, arrancando do adjetivo o seu sentido. Mas eu devo dizer-te, de modo simples e direto, que Cláudio aceitou meu desafio, e logo estarei recebendo notícias dele; caso contrário, eu o proclamo um covarde. E, eu te suplico, agora conta-me: por qual de meus defeitos tu te apaixonaste primeiro por mim?

BEATRIZ – Por todos eles juntos, que juntos mantinham um estado de maldade tão político que não admitiriam nenhuma parte boa imiscuindo-se entre eles. Mas e o senhor, por qual de minhas boas partes o senhor primeiro caiu enamorado de mim?

BENEDICTO – “Caiu enamorado”! Um bom epíteto. Caí, sim, enamorado, pois te amo contra minha vontade.

BEATRIZ – Contra o seu coração, imagino eu. Ai, pobre coração! Se você o magoar por minha causa, eu o magoarei por sua causa, pois jamais amarei aquilo que meu amigo detesta.

BENEDICTO – Tu e eu somos inteligentes demais para namorar em paz.

BEATRIZ – Não parece, por essa confissão; não há homem inteligente entre os vinte que se elogiam a si mesmos.

BENEDICTO – Isso é coisa antiga, Beatriz, do tempo em que se vivia entre bons vizinhos. Hoje, se um homem não ergue a própria tumba antes de morrer, ele não sobrevive na memória muito mais tempo do que levam os sinos dobrando e a

viúva chorando.

BEATRIZ – E quanto tempo é isso, a seu ver?

BENEDICTO – Minha tese: uma hora em queixosos clamores e um quarto de hora com o nariz correndo. Portanto, é deveras aconselhável que o homem inteligente, isso se o mui digníssimo Senhor Verme de sua Consciência não fizer objeções, trate de ser o arauto de suas próprias virtudes, como eu sou das minhas. Bem, chega de elogiar a mim mesmo, pessoa por quem eu mesmo testemunho que é digna de elogios. Mas agora conta-me: como vai tua prima?

BEATRIZ – Muito mal.

BENEDICTO – E como vai você?

BEATRIZ – Também muito mal.

BENEDICTO – Sirva a Deus, ame a mim, e restabeleça-se. E aqui eu me retiro de sua companhia, pois aí vem alguém com pressa.

Entra Úrsula.

ÚRSULA – Lady Beatriz, a senhorita precisa falar com seu tio; está acontecendo lá na casa um belo de um tumulto. Ficou provado que a minha Lady Hero foi acusada falsamente, o Príncipe e Cláudio tremendamente enganados, e Dom John é o autor da coisa toda, que agora escafedeu-se. A senhorita já vem?

BEATRIZ – Quer o senhor ir também ouvir as novas?

BENEDICTO – Quero mas é morar em teu coração, morrer no teu colo e ser enterrado nos teus olhos; além disso, quero, sim, ir contigo à casa de teu tio.

[Saem.]

CENA III

Uma igreja.

Entram Cláudio, o Príncipe Dom Pedro e três ou quatro homens carregando tochas, seguidos de Baltasar e Músicos.

CLÁUDIO – É este o jazigo de Leonato?

UM LORDE – Este mesmo, milorde.

Epitáfio.

[CLÁUDIO] (lendo a partir de um rolo de pergaminho)

“Por línguas difamatórias morreu

Quem aqui jaz: doce Hero, bela dama;

A morte, compensando erro meu,
Deu-lhe algo agora eterno: sua fama.
Assim, a vida que morreu vexada
Vive na morte a fama consagrada.”

[Pendura o pergaminho.]

Fica aí, paira sobre a sepultura,
Celebra Hero, que eu tenho a voz muda.
Agora, música, som, e cantem o seu hino solene.

Canção.

[BALTASAR]

Perdoai, Diana, noturna deusa do luar,
Aqueles que mataram vossa virgem devota;
Pelo que, com canções de luto e pesar,
Dessa tumba eles andam e andam em volta.
Meia-noite, socorrei o nosso lamentar,
Auxiliai-nos a gemer e até mesmo a suspirar
Com força, com muita força;
Bocejai, soltai vossos mortos, ó Sepulturas,
Até que ela, a Morte, tenha sido expulsa
Com força, com muita força.

CLÁUDIO – Agora aos teus ossos desejo uma boa noite. Todo ano executarei este ritual.

DOM PEDRO – Bom dia, mestres. Apaguem suas tochas. Os lobos já deram por encerrada a caça, e, olhem, a suave luz do dia, diante das rodas de Febo, volteia e vai mosqueando com manchas em cinza a sonolência oriental. Agradeço a presença de todos vocês, e agora peço que se retirem. Passem bem.

CLÁUDIO – Tenham um bom dia, mestres; sigam cada qual o seu caminho.

DOM PEDRO – Vem, vamos sair daqui; troca esse luto por uma outra roupa, e então seguimos até a casa de Leonato.

CLÁUDIO – E que Himeneu possa nos favorecer agora com filha mais afortunada que esta, a quem entregamos este infortúnio.

CENA IV

Em casa de Leonato.

Entram Leonato, Benedicto, Beatriz, Margarete, Úrsula, o velho Antônio, Frei Francisco, Hero.

FREI FRANCISCO – Não lhe falei que ela era inocente?

LEONATO – Inocentes também são o Príncipe e Cláudio, que a acusaram com base no erro que foi discutido, como o senhor ouviu. Mas Margarete teve alguma culpa nisso, embora sem querer, como ficou claro no desenrolar da investigação.

ANTÔNIO – Bem, fico feliz que tudo se tenha esclarecido.

BENEDICTO – E eu também, já que estava por minha palavra obrigado a desafiar o jovem Cláudio para um ajuste de contas nessa questão.

LEONATO – Bem, filha, e todas vocês, nobres damas, recolham-se sozinhas a um outro aposento e, quando eu mandar chamá-las, venham até aqui usando máscaras.

[Saem as damas.]

O Príncipe e Cláudio prometeram visitar-me por esta hora. Sabes o que tens de fazer, meu irmão: deves ser pai da filha de teu irmão e dá-la em casamento ao jovem Cláudio.

ANTÔNIO – O que farei com solene compostura.

BENEDICTO – Frei, preciso valer-me de seus préstimos.

FREI FRANCISCO – Com que fim, signior?

BENEDICTO – Para me compor ou descompor, um dos dois. Signior Leonato, verdade seja dita, signior, sua sobrinha me vê com bons olhos.

LEONATO – Esse olhar a minha filha deu a ela, isso é bem verdade.

BENEDICTO – E eu com um olhar apaixonado é que retribuo.

LEONATO – Uma visão a qual, penso eu, o senhor deve a mim, a Cláudio e ao Príncipe. Mas quais são suas intenções?

BENEDICTO – Sua resposta, meu senhor, é enigmática. Mas, quanto às minhas intenções, minha vontade é que a sua boa vontade coloque-se lado a lado com nossa vontade, de hoje nos unirmos pelos honestos laços do matrimônio, no que, meu bom Frei, estarei precisando de sua ajuda.

LEONATO – Meu coração está conforme com o seu sentimento.

FREI FRANCISCO – E com minha ajuda. Aí vêm o Príncipe e Cláudio.

Entram o Príncipe Dom Pedro e Cláudio, e dois ou três Outros.

DOM PEDRO – Bom dia para esse belo grupo.

LEONATO – Bom dia, Príncipe. Bom dia, Cláudio. Nós aqui estamos às vossas ordens. O senhor continua determinado a casar-se hoje com a filha de meu irmão?

CLÁUDIO – Mantenho minha decisão, mesmo que ela fosse a mais escura das etíopes.

LEONATO – Chama-a até aqui, meu irmão; aqui temos o frei, a postos.

[Sai Antônio.]

DOM PEDRO – Bom dia, Benedicto. Ora, mas qual é o problema, que você ostenta uma cara assim invernosa, cheia de linhas congeladas, tempestuosa e nublada?

CLÁUDIO – Acho que ele está pensando sobre o touro selvagem. Ora, homem, não tens o que temer: nós vamos laminar em ouro os teus chifres, e toda a Europa vai se alegrar ao te ver, como uma vez a Europa alegrou-se ao enxergar o vigoroso Júpiter, quando este quis nobremente desempenhar-se como um animal no amor.

BENEDICTO – O Júpiter touro, meu senhor, tinha um mugido simpático, e algum touro assim estranho cobriu a vaca de teu pai e, nesse mesmo e nobre feito, gerou um bezerrinho, bem assim como tu, pois tens dele o mesmo balido.

Entram o irmão Antônio, Hero, Beatriz, Margarete, Úrsula, as damas mascaradas.

CLÁUDIO – Por essa eu te devo uma. Mas aí vêm outros assuntos a se tratar. Quem é a dama de quem devo tomar posse?

ANTÔNIO – Esta é ela, e ao senhor eu a entrego.

CLÁUDIO – Ora, então ela é minha. Querida, deixe-me ver seu rosto.

LEONATO – Não, isso o senhor não fará até que lhe tenha segurado a mão, diante deste frei, jurando desposá-la.

CLÁUDIO – Dê-me sua mão diante desse santo frei. Serei seu marido se a senhorita me quiser.

HERO *(tirando a máscara)* – E quando eu era viva, fui tua outra esposa. E quando o senhor amou, foi meu outro marido.

CLÁUDIO – Uma outra Hero!

HERO – Nada mais certo: uma Hero morreu aviltada, mas eu estou viva e, tão certo como estar viva, sou donzela.

DOM PEDRO – A Hero de antes! A Hero que morreu!

LEONATO – Morreu, milorde, mas só enquanto viveu sua difamação.

FREI FRANCISCO – Toda essa perplexidade eu posso mitigar, quando, depois que os ritos sagrados terminarem, contarei a vós tudo sobre a morte da bela Hero. Neste meio tempo, deixai que o encantamento vos pareça familiar, e tratemos de ir à capela.

BENEDICTO – Suave e formosa, meu Frei. Qual delas é Beatriz?

BEATRIZ (*tirando a máscara*) – Quem responde a esse nome sou eu. O que quer o senhor comigo?

BENEDICTO – A senhorita não me ama?

BEATRIZ – Ora, não, não mais do que manda a razão.

BENEDICTO – Ora, então seu tio, e o Príncipe, e Cláudio foram todos enganados; eles me juraram que a senhorita me amava.

BEATRIZ – E você, não me ama?

BENEDICTO – Por minha fé, não, não mais do que manda a razão.

BEATRIZ – Ora, mas então minha prima, Margarete e Úrsula estão enganadas, pois juraram que sim.

BENEDICTO – Eles juraram que a senhorita estava quase doente de amores por mim.

BEATRIZ – Elas juraram que por pouco o senhor não morre de amor por mim.

BENEDICTO – Não houve nada disso. Mas então, a senhorita não me ama?

BEATRIZ – Não, na verdade, a não ser em amigável retribuição.

LEONATO – Ora vamos, prima, estou certo de que amas o cavalheiro.

CLÁUDIO – E eu posso jurar que ele a ama, pois tenho cá um texto, com a caligrafia dele, um soneto capenga, tirado de seu próprio cérebro, feito para Beatriz.

HERO – E aqui tem outro, escrito na caligrafia de minha prima, roubado de seu bolso, e cheio de seu afeto por Benedicto.

BENEDICTO – É um milagre! Temos nossos próprios punhos indo de encontro aos nossos corações. Vem, que eu te tomarei para mim, mas, por esta luz que me alumia, fico contigo por piedade.

BEATRIZ – Eu não quero recusar o senhor, mas, por este belo dia, eu cedo a toda essa persuasiva insistência e, em parte para salvar a sua vida, pois me disseram que o senhor estava definhando de amor.

BENEDICTO – Paz! Vou lhe fechar a boca.

Beija-a.

DOM PEDRO – Como vais tu, “Benedicto, o casado”?

BENEDICTO – Eu vos digo uma coisa, Príncipe: uma escola inteira de piadistas metidos a espirituosos não me conseguiria tirar de meu bom humor. Pensais vós que me importo com uma sátira ou um epigrama? Não; se um homem vai se deixar abater por palavras bem-postas, ele não precisa nem mesmo cuidar da aparência. Em suma, já que me proponho a casar, não vou pensar nada neste mundo que se proponha a ser contra o casamento. Portanto, não zombeis de mim por conta do que eu disse contra o casamento; pois o homem é uma coisa inconstante, e essa é minha conclusão. Quanto a ti, Cláudio, pensei que te venceria em duelo, mas, já que vais ser meu parente, vive livre de machucados e ama minha prima.

CLÁUDIO – Bem que eu gostaria que tu tivesses recusado Beatriz, só para eu ter o prazer de te arrancar a tapa de tua vida de solteiro, fazendo de ti um touro de canga que pula a cerca; coisa que certamente vais fazer, se minha prima não ficar de olho em ti muito de perto.

BENEDICTO – Ora, vamos lá, somos amigos. Vamos dançar antes de nos casarmos, que assim deixamos leves nossos próprios corações e os pés de nossas mulheres.

LEONATO – Teremos danças mais tarde.

BENEDICTO – Agora, ora se não! Com isso, toque-se a música! Príncipe, estais triste. Casai-vos, casai-vos! Não há bengalas mais venerandas que as de castão de chifre.

Entra um Mensageiro.

MENSAGEIRO – Milorde, vosso irmão John foi capturado em plena fuga, e trazido de volta para Messina, escoltado por homens armados.

BENEDICTO – Não penseis nele até amanhã; planejarei por vós os castigos que ele merece. Flautas, podem tocar!

FINIS

² O círculo anda em sentido horário, pois assim afasta-se o mal, conforme ditava a tradição. (N.T.)

WILLIAM SHAKESPEARE

(1564-1616)

WILLIAM SHAKESPEARE nasceu e morreu em Stratford, Inglaterra. Poeta e dramaturgo, é considerado um dos mais importantes autores de todos os tempos. Filho de um rico comerciante, desde cedo Shakespeare escrevia poemas. Mais tarde associou-se ao Globe Theatre, onde conheceu a plenitude da glória e do sucesso financeiro. Depois de alcançar o triunfo e a fama, retirou-se para uma luxuosa propriedade em sua cidade natal, onde morreu. Deixou um acervo impressionante, do qual destacam-se clássicos como *Romeu e Julieta*, *Hamlet*, *A megera domada*, *O rei Lear*, *Macbeth*, *Otelo*, *Sonho de uma noite de verão*, *A tempestade*, *Ricardo III*, *Júlio César*, *Muito barulho por nada* etc.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Much Ado About Nothing*

Capa: Ivan Pinheiro Machado sobre detalhe de *Dogberry's Charge to the Watch*, por Henry Stacy Marks

Tradução: Beatriz Viégas-Faria

Revisão: Renato Deitos e Jó Saldanha

S527m

Shakespeare, William, 1564-1616.

Muito barulho por nada / William Shakespeare; tradução de Beatriz Viégas-Faria. – Porto Alegre: L&PM, 2013.

(Coleção L&PM POCKET; v.277)

ISBN 978.85.254.3057-1

1. Ficção inglesa-teatro-Shakespeare-Comédias. I. Título. II. Série.

CDD 822.33Q5-6

CDU 820 Shak.03

Catálogo elaborado por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© da tradução, L&PM Editores, 2002

© Para utilização profissional desta tradução, dirigir-se à

beatrizv@terra.com.br.

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Table of Contents

[Apresentação](#)

[Personagens](#)

[Primeiro ato](#)

[Cena I](#)

[Cena II](#)

[Cena III](#)

[Segundo ato](#)

[Cena I](#)

[Cena II](#)

[Cena III](#)

[Terceiro ato](#)

[Cena I](#)

[Cena II](#)

[Cena III](#)

[Cena IV](#)

[Cena V](#)

[Quarto ato](#)

[Cena I](#)

[Cena II](#)

[Quinto ato](#)

[Cena I](#)

[Cena II](#)

[Cena III](#)

[Cena IV](#)

[Sobre o autor](#)